

Juventude.br



ISSN 1809-9564 PUBLICAÇÃO CIENTÍFICA DO CENTRO DE ESTUDOS E MEMÓRIA DA JUVENTUDE

- CEMJ. 22ª EDIÇÃO - ANO 19 1º SEMESTRE DE 2025

- VERSÃO ONLINE JUVENTUDEBR.EMNUVENS.COM.BR

CULTURA É A GENTE: JUVENTUDE E PRODUÇÃO CULTURAL NAS PERIFERIAS DE SÃO PAULO



ISSN 1809-9564 Publicação Científica do Centro de Estudos e Memória da Juventude – CEMJ. 22ª Edição - Ano 19 - Janeiro de 2025. (40 páginas). Versão on line: juventudebr.emnuvens.com.br

EDITOR

Alexsandro do Nascimento Santos

CAPA E DIAGRAMAÇÃO

Isabela Rocha

COMITÊ EDITORIAL

Elisângela Lizardo de Oliveira
Ergon Cugler de Moraes Silva
Euzébio Jorge Silveira de Souza
Karen Regina Castelli

EQUIPE DE APOIO

Aline de Sousa Lima
Caio Yuji de Souza Tanaka
Ergon Cugler de Moraes Silva
Iago Montalvão Oliveira Campos
Luana Meneguelli Bonone
Marcos Paulo Silva de Jesus

CONSELHO EDITORIAL

Elisa Guaraná de Castro (UFRRJ)
Euzébio Jorge Silveira de Souza (FEA-USP)
Fábio Palácio de Azevedo (UFMA)
Flávio Sofiati (UFG)
Marcio Pochmann (Unicamp)
Maria Elena de Oliva Augusto (USP)
Mary Garcia Castro (UFBA)
Miriam Abramovay (Flacso)

CONSELHO DIRETOR DO CEMJ

Alonso Nunes Coelho
Aline de Sousa Lima
Ana Clara Tonobohn Siraque
André Pereira Reinert Tokarski
Bruno Sanches Baronetti
Caio Yuji de Souza Tanaka
Charley dos Santos Luz
Ergon Cugler de Moraes Silva
Ismael Almeida Chaves
Iago Montalvão Oliveira Campos
Karen Regina Castelli
Luis Carlos de Sousa Pereira
Luiza de Almeida Bezerra
Marcelo Marigliani Arias
Marcos Paulo Silva de Jesus
Maria Cecília Martinez
Nayara Aparecida Souza
Renata Rosa de Souza Cândido
Roberta Soeiro de Moraes Souza

DIRETORIA EXECUTIVA DO CEMJ

Presidente: Karen Regina Castelli
Diretor de Planejamento e Patrimônio: Marcos Paulo Silva de Jesus
Secretário Geral: Iago Montalvão Oliveira Campos
Diretora de Políticas Públicas: Maria Cecília Martinez
Diretora de Memória: Aline de Sousa Lima
Diretor de Cultura: Bruno Sanches Baronetti
Diretor de Comunicação: Marcelo Marigliani Arias
Diretora de Atividades Educativas e Esportivas: Nayara Aparecida Souza

CONTEÚDO

5

“Cultura é a Gente!” – Juventude e Produção Cultural nas Periferias de São Paulo

Prof^a. Dr^a. Caroline Cotta de Mello Freitas

11

Cultura jovem na Brasilândia: um diagnóstico baseado na metodologia de design thinking

Ana Clara Duete

21

Organizações e Produções Culturais da Juventude Periférica em São Mateus

Sylas Aguiar

27

Mulheres e o Bolsa Família: Quem recebe?

31

Jovens e Mercado de Trabalho nas Periferias: Um Comparativo entre Brasilândia e São Mateus

37

Juventudes e ISTs

“Cultura é a Gente!”* – Juventude e Produção Cultural nas Periferias de São Paulo

Prof^a. Dr^a. Caroline Cotta de Mello Freitas

RESUMO: Este texto descritivo apresenta a pesquisa Juventude e Produção Cultural nas Periferias de São Paulo, realizada por meio da parceria entre a Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo - FESPSP e o Centro de Estudos e Memória da Juventude – CEMJ, cuja pesquisa de dados sociodemográficos e de campo que foi realizada entre maio e novembro de 2024. É um texto de abertura, para melhor compreensão dos artigos a seguir, que tratam de alguns dos resultados da pesquisa. O objetivo da pesquisa era conhecer os modos de produção e fruição da cultura pela juventude nas periferias da Cidade de São Paulo, assim como qual é a oferta e como se dá a produção cultural em São Mateus, na Zona Leste 2, e no Distrito da Brasilândia, na Zona Norte¹.

1. INTRODUÇÃO

A proposta do projeto era realizar um estudo que combina dados quantitativos e qualitativos. A fim de garantir que pessoas de todas as idades fossem ouvidas de modo o mais equilibrado possível, realizamos rodas de conversa dividindo as pessoas de idades entre 15 e 29 anos por grupo etário e entrevistas semidirigidas, com base em roteiro de perguntas sobre as manifestações culturais da juventude, dos distritos de São Mateus (Zona Leste 2) e Brasilândia (Zona Norte 2), localizados na da cidade de São Paulo. Tendo em mente a faixa etária entre 15 e 29 anos engloba pessoas que se encontram em diferentes momentos da juventude, entendemos que seria adequado dividir as idades para podermos conhecer mais sobre a produção cultural na faixa etária e o modo como os distintos grupos usufruem da cultura nos territórios. Trabalhamos com

a seguinte divisão do grupo etário: 1) pessoas entre 15 e 17 anos, 2) pessoas entre 18 e 24 anos, e 3) pessoas entre 25 e 29 anos. Dessa maneira, realizaríamos a intenção de conhecer a oferta, produção cultural e fruição da cultura entre os jovens nos dois territórios em tela com maior acuidade. A pesquisa foi construída a partir da percepção de que o Estado brasileiro atravessou o século XX marcado por um conjunto de disputas epistemológicas e jurídicas em torno da categorização social e da classificação das “juventudes”. Mas finalmente se construiu um consenso ao se reconhecer os jovens como um grupo social singular, que emerge de forma diferenciada em determinados arranjos históricos e sociais, que vive em relação dinâmica com outros grupos sociais, experimentando convergências e divergências, em processos de interação complexos nos quais diferentes papéis sociais são demandados.

Nesta perspectiva, a Lei Federal nº 12.852/13, que instituiu o Estatuto da Juventude, estabeleceu, pela primeira vez, uma visão sistêmica, consistente e robusta do Estado Brasileiro a respeito de suas responsabilidades com esse segmento da população. Os compromissos do Brasil com suas juventudes, expressos no Estatuto, partem de uma visão do jovem como sujeito de direitos e como pessoa em desenvolvimento, numa fase singular da vida, que merece e demanda políticas públicas específicas e direcionadas, e que sejam, ao mesmo tempo, transversais em diversos campos.

Entretanto, estes compromissos, assumidos no campo normativo, não se transformam, de uma hora para outra, no conjunto de políticas públicas e ações concretas ali sinalizadas. Traduzi-los em ações e políticas públicas exige que o poder público e a sociedade brasileira se movimentem para desenhar programas e deslocar recursos no intuito de atender às necessidades dos jovens, além de desenvolver uma compreensão apurada sobre o lugar dos jovens no arranjo social e na vida comum.

Reconhecer os jovens como atores sociais permitiu que pudéssemos avançar na formulação de horizontes desejáveis para sua inserção e participação social, bem como para que pudéssemos afirmar que eles são sujeitos singulares de direitos políticos, sociais, econômicos e, também, culturais. Entretanto, se é verdade que tal reconhecimento nos permite atingir um outro patamar na

* Frase proferida por um participante (de 23 anos) de uma roda de conversa realizada em São Mateus em junho de 2024.

¹ A pesquisa que deu origem a este artigo é fruto de uma parceria entre a FESPSP e o CEMJ. A Pesquisa Juventude e Produção Cultural nas Periferias de São Paulo foi realizada entre maio e novembro de 2024, contou com minha coordenação e a participação de três estudantes da FESPSP como assistentes de pesquisa: Ana Clara Velozo Duete – estudante de graduação em Biblioteconomia, Pedro Henrique de Oliveira e Syllas Rodrigues Aguilar – estudantes de graduação em Sociologia e Política. Foi financiada no escopo do projeto Produção Cultural da Juventude nas periferias, Termo de Fomento n.º 176/2023 - SCEC-SP.

discussão sobre a cidadania dos jovens, também é verdade que as desigualdades profundas que caracterizam a nossa sociedade enviesam esse reconhecimento, distribuindo de modo desigual o direito de experimentar com plenitude as distintas fases da juventude.

Na cidade de São Paulo uma fonte importante de dados sobre a desigualdade e os hábitos da população são as pesquisas da Rede Nossa São Paulo. Sua principal pesquisa é o mapa da desigualdade da cidade de São Paulo, que desde 2012 compila dados de diversas Fontes oficiais e pesquisas próprias da rede, comparando as situações dos 96 distritos da cidade a partir de temas como trabalho e renda, habitação, cultura, mobilidade urbana, entre outros. E, por fim, compara os dados dos distritos com melhor avaliação com os dados daqueles com as piores avaliações, gerando assim um índice de desigualdade temático na cidade.

No campo da cultura essa diferença chegou a 86 vezes quando se trata de espaços culturais independentes, onde se constata que em diversos distritos o número de espaços culturais independentes, para cada dez mil habitantes, é próximo ou igual a zero, segundo o mapa de 2022².

Outra fonte importante de dados, e que demonstra o quanto as desigualdades afetam o acesso à cultura na cidade, é a pesquisa “Viver em São Paulo: hábitos culturais”³. Segundo a sua edição realizada em dezembro de 2018, a atividade cultural mais realizada pelos cidadãos de São Paulo é frequentar os cinemas. De acordo com a pesquisa, cerca de 55% da população frequentou o cinema enquanto 45% não frequentou o cinema naquele ano. Quando os dados dessa pergunta são desagregados de acordo com a renda, nota-se que para a parcela da população com renda acima de cinco salários-mínimos, o índice chega a 77%. Enquanto, entre aqueles com renda familiar de até dois salários-mínimos, apenas 38% frequentaram o cinema no ano de 2018. Quando desagregados por idade, podemos perceber que as faixas de idades de 16 a 24 anos e de 25 a 34 anos tiveram, respectivamente, os índices de 26% e 41% de acesso ao cinema no ano de 2018. Enquanto para a faixa etária acima dos 55 anos foram mais de 63%.

Uma análise preliminar dos dados dessa pesquisa indica que fatores como idade, renda, localização e infraestrutura afetam diretamente os hábitos culturais da população na cidade de

São Paulo. No que diz respeito às faixas etárias pesquisadas, parece haver maior flutuação entre os diferentes tipos de manifestações culturais apresentados na pesquisa. No caso da frequência a Teatros, por exemplo, embora a diferença na frequência seja de 30% para aqueles com renda acima de cinco salários-mínimos contra 10% para aqueles com renda de até dois salários-mínimos, quando se trata da idade a diferença é de 21% e 31% para aqueles com faixa etária entre 16 e 24 anos e 25 e 34 anos, respectivamente, contra 13% para as duas faixas de idades de 45 a 54 anos e 55 anos ou mais.

A pesquisa também perguntou aos participantes o que os levaria a participar mais dessas atividades. Para 12% dos participantes entre 16 e 24 anos o principal fator que os levaria a participar mais dessas atividades seria a facilidade de acesso/locomoção, ou seja, o acesso à cidade ou a mobilidade urbana, enquanto para faixa etária de 45 a 54 anos o mesmo fator foi apontado por apenas 4% dos participantes da pesquisa. Por fim, a pesquisa também perguntou sobre a participação em eventos gratuitos da cidade como o carnaval, a Virada Cultural, o Réveillon na Paulista, entre outros, e quais as motivações para a frequência dos participantes nesses eventos.

O item mais apontado pelos participantes foi o fato de ser gratuito com 26% de indicações da população geral. Nesse caso parece haver uma relação direta entre a faixa etária e a gratuidade como fator de mobilização para participação em eventos e atividades culturais: na faixa etária de 16 a 24 anos, 40% indicaram a gratuidade como motivação para participar desses eventos; na faixa etária de 25 a 34 anos, 31%; na faixa etária de 35 a 44 anos, 28%; na faixa etária de 45 a 54 anos, 21%; e na faixa etária de 55 anos ou mais, 18%. Ou seja, quanto mais jovem a faixa da população mais importante é a oferta de atividades culturais gratuitas para garantir a fruição cultural dessa população.

Todos esses dados corroboram a compreensão de que a juventude experimenta dinâmicas sociais complexas de convergência e divergência, além de estar mais vulnerável à influência de diversos fatores como renda, localização, idade, entre outros, no que diz respeito ao acesso à Cultura.

Destacamos que entendemos “Manifestações culturais” como o resultado da criatividade humana e da interação social ao longo do tempo, que são transmitidas de geração em geração. Elas desempenham um papel fundamental na preservação e na transmissão do patrimônio cultural de uma sociedade, promovendo a diversidade, a coesão social e a identidade cultural de um grupo.

As manifestações culturais podem ser es-

2 https://www.nossasaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2023/01/Mapa-da-Desigualdade-2022_MAPAS_23.pdf

3 <https://www.nossasaopaulo.org.br/pesquisas/cultura/>

pecíficas de uma região geográfica, de um grupo étnico, de uma comunidade religiosa, de uma classe social, de um período histórico ou, ainda, de um grupo etário, por exemplo. Elas podem refletir a história, as tradições, as crenças e os valores de um determinado grupo, proporcionando um senso de pertencimento e de identidade coletiva.

Além disso, elas também desempenham um papel importante no fortalecimento da economia criativa, na promoção do diálogo intercultural, contribuem para a valorização da diversidade cultural e para a preservação do patrimônio imaterial de uma sociedade; estando sujeitas a transformações ao longo do tempo que refletem as mudanças sociais, políticas, culturais, tecnológicas e econômicas de uma determinada época.

A juventude frequentemente desenvolve manifestações culturais próprias ou com características específicas que a diferenciam do restante da população. Isso ocorre porque os jovens, em sua maioria, estão em uma fase da vida caracterizada por processos de construção de identidade, busca por pertencimento e expressão individual e coletiva. As manifestações culturais da juventude podem abranger diversos aspectos, como música, dança, moda, arte urbana, literatura, cinema, teatro, esportes, gírias e linguagem, entre outros. E são influenciadas pelos contextos sociais, históricos, políticos e tecnológicos em que os jovens estão inseridos.

Para a definição das regiões de foco do estudo, considerou-se como critério o percentual da população jovem nas regiões, de acordo com a divisão regional do Mapa da Desigualdade da Cidade de São Paulo, que divide a cidade em 8 regiões: Centro, Zona Leste 1, Zona Leste 2, Zona Norte 1, Zona Norte 2, Zona Oeste, Zona Sul 1 e Zona Sul 2. De acordo com os dados abertos do Mapa da Desigualdade de 2022⁴, e de cálculos realizados pelo CEMJ a partir deles, a Zona Leste 2 é composta por 17 distritos, com uma população total de mais de dois milhões e quinhentos mil habitantes e tem o maior percentual de população jovem entre as regiões da cidade, 44,23%. Já a Zona Norte 2 é composta por 10 distritos, com mais de um milhão e trezentos mil habitantes, sendo 41,91% jovens, o segundo maior percentual de população jovem da cidade.

A definição dos locais de realização da pesquisa e a opção por dois distritos da cidade se baseou no fato de serem os distritos com a menor unidade territorial da cidade, conforme informações da maioria das bases de dados oficiais (como a Fundação SEADE, IBGE, Prefeitura

4 <https://www.nossasaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2023/01/Mapa-da-Desigualdade-2022-%E2%80%93-planilha-aberta.ods>

Municipal, entre outras). Entendemos que existe a necessidade de realizarmos estudos localizados, com o objetivo de buscar uma aproximação maior com a realidade da oferta e produção cultural nos territórios e o modo como os jovens usufruem da cultura.

Tomamos, como referência complementar, os dados da plataforma SP Cultura⁵ que consiste em de uma plataforma colaborativa, na qual os usuários podem cadastrar agentes, espaços e eventos culturais. Os dados da Plataforma SP Cultura foram trabalhados em comparação com os dados da Secretaria Municipal de Cultura, constantes na própria plataforma, e com os dados do Mapa da Desigualdade.

Dessa comparação resultou a escolha dos distritos de São Mateus e Brasilândia. Segundo o Mapa da Desigualdade, no distrito da Brasilândia o percentual de centros culturais, espaços e casas de cultura (municipais), para cada dez mil habitantes e o número de espaços culturais independentes, para cada dez mil habitantes é igual a zero. Já na Plataforma SP Cultura existem cerca de 43 espaços culturais registrados⁶, mas quando filtrados apenas os dados da Secretaria Municipal de Cultura, há apenas 7 registros de espaços culturais no distrito.

A mesma comparação no distrito de São Mateus demonstra que, segundo os dados do Mapa da Desigualdade, o distrito possui um percentual de 0,06% de centros culturais, espaços e casas de cultura (municipais), para cada dez mil habitantes e o número de 0 espaços culturais independentes, para cada dez mil habitantes. Enquanto na plataforma SP Cultura, o número total de espaços culturais cadastrados é de 33⁷ contra apenas 5 espaços culturais registrados, quando filtrados apenas os dados da Secretaria Municipal de Cultura.

É importante registrar que a plataforma SP Cultura também recebe cadastros de artistas,

5 <https://spcultura.prefeitura.sp.gov.br/>

6 [https://spcultura.prefeitura.sp.gov.br/busca/##\(global:\(enabled:\(agent:!t,space:!t\),filterEntity:space,locationFilter:s:\(circle:\(center:\(lat:-23.44686867803958,lng:-46.6893196105957\),radius:3447\),enabled:circle\),map:\(center:\(lat:-23.454388477885924,lng:-46.668334007263184\),zoom:14\)\)\)](https://spcultura.prefeitura.sp.gov.br/busca/##(global:(enabled:(agent:!t,space:!t),filterEntity:space,locationFilter:s:(circle:(center:(lat:-23.44686867803958,lng:-46.6893196105957),radius:3447),enabled:circle),map:(center:(lat:-23.454388477885924,lng:-46.668334007263184),zoom:14))))

7 [https://spcultura.prefeitura.sp.gov.br/busca/##\(global:\(enabled:\(space:!t\),filterEntity:space,locationFilters:\(circle:\(center:\(lat:-23.59844165581245,lng:-46.485557556152344\),radius:2408\),enabled:circle\),map:\(center:\(lat:-23.598559635227183,lng:-46.48208141326904\),zoom:14\)\)\)](https://spcultura.prefeitura.sp.gov.br/busca/##(global:(enabled:(space:!t),filterEntity:space,locationFilters:(circle:(center:(lat:-23.59844165581245,lng:-46.485557556152344),radius:2408),enabled:circle),map:(center:(lat:-23.598559635227183,lng:-46.48208141326904),zoom:14))))

gestores e produtores, como Agentes Culturais⁸, que formam “uma rede de atores envolvidos na cena cultural paulistana”. No distrito da Brasilândia a plataforma⁹ tem 147 registros de agentes culturais, sem nenhum registro oriundo de dados da Secretaria Municipal de Cultura. No distrito de São Mateus há 101 registros de Agentes culturais na plataforma, sendo apenas 1 oriundo dos dados da Secretaria Municipal de Cultura.

A comparação desses dados parece indicar uma série de espaços, pessoas e organizações produzindo e distribuindo cultura nos distritos da Brasilândia e São Mateus, que estão ao largo dos mapeamentos sobre cultura realizado por órgãos oficiais. O que permite afirmarmos que, apesar das dificuldades, a produção cultural das periferias influencia a vida de milhares de pessoas e contribui para a caracterização do que é a cultura na cidade.

As diferenças encontradas nos dados podem, em parte, ser explicadas pelas diferentes metodologias e critérios estabelecidos para compilação de informações por cada uma das fontes consultadas, bem como pelo período de coleta de dados, uma vez que os dados do Mapa da Desigualdade referem-se ao ano de 2021 e tem origem exclusivamente em bases de dados de órgãos oficiais, enquanto os dados da Plataforma SP Cultura variam entre maio de 2017 e junho de 2023 e dependem da atualização pelos próprios usuários.

Em que pese essa ponderação, as diferenças ainda apontam uma ausência de dados atualizados sobre a produção cultural na Cidade de São Paulo, especialmente no nível de distritos da cidade, bem como para ausência de estudos qualitativos sobre as manifestações culturais nas periferias da cidade. A pesquisa em tela buscou sanar essa ausência em relação aos territórios de Brasilândia e São Mateus.

8 [https://spcultura.prefeitura.sp.gov.br/busca/##\(agent:\(filters:\('@verified':!f\)\),global:\(enabled:\(agent:!t\),filterEntity:agent,locationFilters:\(circle:\(center:\(lat:-23.449860900989805,lng:-46.68743133544922\),radius:3500\),enabled:circle\),map:\(center:\(lat:-23.454309738744364,lng:-46.670565605163574\),zoom:14\)\)\)](https://spcultura.prefeitura.sp.gov.br/busca/##(agent:(filters:('@verified':!f)),global:(enabled:(agent:!t),filterEntity:agent,locationFilters:(circle:(center:(lat:-23.449860900989805,lng:-46.68743133544922),radius:3500),enabled:circle),map:(center:(lat:-23.454309738744364,lng:-46.670565605163574),zoom:14))))

9 [https://spcultura.prefeitura.sp.gov.br/busca/##\(agent:\(filters:\('@verified':!f\)\),global:\(enabled:\(agent:!t\),filterEntity:agent,locationFilters:\(circle:\(center:\(lat:-23.59930683572266,lng:-46.48324012756348\),radius:2958\),enabled:circle\),map:\(center:\(lat:-23.60209896831791,lng:-46.4727258682251\),zoom:14\)\)\)](https://spcultura.prefeitura.sp.gov.br/busca/##(agent:(filters:('@verified':!f)),global:(enabled:(agent:!t),filterEntity:agent,locationFilters:(circle:(center:(lat:-23.59930683572266,lng:-46.48324012756348),radius:2958),enabled:circle),map:(center:(lat:-23.60209896831791,lng:-46.4727258682251),zoom:14))))

2. METODOLOGIA - REALIZAÇÃO DO ESTUDO

A primeira fase do trabalho de pesquisa sobre juventude e cultura nos territórios de Brasilândia e São Mateus se dedicou ao levantamento de dados demográficos e socioeconômicos¹⁰ sobre juventude e cultura nesses territórios. Essa fase apresentou algumas especificidades e desafios. Um dos desafios foi o fato de as bases de dados não coincidirem em termos de delimitação dos territórios, considerando limites diferentes. Isso, necessariamente, implica em discrepâncias nos dados apresentados nas diferentes bases, como entre o Sidra-IBGE e a Prefeitura Municipal de São Paulo. A maior discrepância que encontramos foi em relação a Brasilândia. Outro desafio foi encontrar informações específicas sobre jovens, nosso recorte, e as faixas etárias que delimitamos a fim de aprofundar as informações sobre juventude e cultura.

A determinação sobre qual é o território de Brasilândia encontrada nas plataformas de dados apresenta a organização dos dados a partir de uma definição da região como Freguesia do Ó/Brasilândia. Isso tem a ver com a forma como a Prefeitura e a Subprefeitura delimitam a região da Brasilândia, o que interfere diretamente nos dados apresentados, especialmente em relação às delimitações geográficas.

Ao buscar informações sobre cultura, constatamos que algumas regiões de São Paulo são classificadas de maneira conjunta. E é algo que não se limita à região da Brasilândia, ocorrendo também em outras áreas da cidade. Observamos que essa prática pode dificultar a identificação de características culturais e sociais específicas de cada região.

Paralelamente, a fim de sanar lacunas, por meio da ferramenta Google My Maps realizamos o mapeamento dos agentes, espaços e instituições culturais existentes nos distritos. Foram elaborados dois mapas na ferramenta Google My Maps, um foi realizado pela equipe de pesquisa e o outro, que era aberto a contribuições externas, foi elaborado de modo colaborativo, com a participação de jovens dos territórios. A construção do mapeamento de instituições culturais, centros culturais, pontos de encontro de jovens para expressão cultural nos dois territórios, portanto, foi realizado de modo colaborativo, incluindo os jovens de Brasilândia e São Mateus no processo de registro. É importante destacar que a estratégia de construir mapas se mostrou produtiva não só porque possibilitou acesso a informações que não constavam nas bases de dados consultadas

10 Os dados foram levantados por meio de bases de dados já existentes e confiáveis, como a Fundação SEADE, IBGE, Prefeitura Municipal.

previamente, assim como se deu de modo colaborativo, mas porque a ida dos assistentes de pesquisa a campo, os aproximou da realidade dos territórios e contribuiu para a elaboração das estratégias de organização das rodas de conversa.

A segunda fase do trabalho compreendeu o levantamento de dados qualitativos. Foram realizadas 7 rodas de conversa, 3 na Brasilândia e 4 em São Mateus, e 25 entrevistas. Os assistentes de pesquisa também fizeram observação participante, frequentando eventos, saraus, slams, festivais, entre outros, que eram onde manifestações culturais de jovens e para jovens nos territórios.

Como mencionado anteriormente, reconhecendo que as expressões culturais e tipos de produtos culturais consumidos variam muito entre as diferentes faixas etárias, trabalhamos com a seguinte divisão do grupo etário para as rodas de conversa: 1) pessoas entre 15 e 17 anos, 2) pessoas entre 18 e 24 anos, e 3) pessoas entre 25 e 29 anos. Entendíamos que esta divisão contribuiria para garantia de representatividade de gênero e raça, além de possibilitar envolver uma maior quantidade de jovens com diferentes origens, perspectivas e experiências. No entanto, a realização das rodas de conversa se mostrou complexa e obtivemos dados insuficientes. Por esta razão, utilizamos os dados levantados nas rodas de conversa para construir um roteiro de entrevista semidirigida sobre produção e consumo de cultura; realizamos 14 entrevistas na região de Brasilândia (com 7 mulheres e 7 homens jovens) e 11 entrevistas semidirigidas com jovens na região de São Mateus (4 mulheres, 6 homens e uma pessoa não binária).

A preocupação em ouvir o maior número possível de vozes se justifica porque entendemos que, como preconiza Paulo Freire, em *Pedagogia do oprimido* (2005), “Palavra não é privilégio de algumas pessoas, mas o direito de todos”. Assim, a ideia nesse estudo, seguindo Tim Ingold (2021), foi fazer o trabalho com as pessoas dos territórios e não sobre as pessoas; isto é, ouvir os jovens, coletar os dados a partir do e com o conhecimento das pessoas presentes em cada atividade. Com essas pessoas construir uma reflexão coletiva sobre os temas de produção e fruição de cultura pela juventude nas periferias de São Paulo. A intenção foi produzir informações que provoquem o questionamento de ideias pré-concebidas sobre juventude, cultura e periferia ao ouvir os jovens que vivem, fazem e usufruem cultura nos territórios em tela.

Os próximos textos discutirão alguns aspectos do trabalho e dos resultados obtidos.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GEOSAMPA – Prefeitura de São Paulo. Mapa Digital da Cidade de São Paulo. São Paulo: GeoSampa, 2016. Disponível em: https://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx. Acesso em: 11 jun. 2024.

INGOLD, Tim. *Antropologia: Para que serve?* Petrópolis/RJ: Vozes, 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Banco Multidimensional de Estatísticas. Disponível em: <https://www.bme.ibge.gov.br/index.jsp>. Acesso em: 11 set. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Brasileiro de 2010. São Paulo: IBGE, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Brasileiro de 2022. São Paulo: IBGE, 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 11 jun. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 11 jun. 2024.

SÃO PAULO, Prefeitura Municipal de. Secretaria de Cultura. Dados sobre os aspectos culturais de São Paulo. São Paulo, 2017.

SEADE – Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados. Banco de Dados de Informações dos Municípios Paulistas. São Paulo: 2004.

SPCULTURA – Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. Mapeamento. São Paulo: SPCultura, 2003. Disponível em: <https://spcultura.prefeitura.sp.gov.br/>. Acesso em: 11 jun. 2024.



Cultura jovem na Brasilândia: um diagnóstico baseado na metodologia de *design thinking*

Ana Clara Duete

RESUMO: Este artigo investiga como os jovens da Brasilândia, um território da periferia de São Paulo, se relacionam com as manifestações culturais da região. Através de dados demográficos e socioeconômicos, além de dados qualitativos, produzidos por meio de observação participante, rodas de conversa e entrevistas. O objetivo foi produzir um diagnóstico sociocultural sobre a juventude em áreas periféricas como o distrito da Brasilândia. Para organizar e interpretar as informações, foi adotada a abordagem do *design thinking* como base teórica e metodológica, evidenciando as percepções dos jovens e suas interações com os espaços culturais. Os achados destacam padrões de consumo cultural, os obstáculos enfrentados para acessar equipamentos culturais e as maneiras como práticas culturais são ressignificadas em contextos periféricos. O trabalho também ressalta a importância dos espaços culturais como centros de resistência, criatividade e fortalecimento da identidade coletiva. Por fim, indicamos possíveis direções para debates futuros que podem apoiar a formulação de políticas públicas destinadas a fortalecer a cultura e a juventude em áreas periféricas¹.

Palavras-chave: juventude periférica; cultura; espaços culturais; *design thinking*; Brasilândia.

INTRODUÇÃO

A Brasilândia, localizada na zona norte de São Paulo, é um local vibrante, repleto de expressões culturais e práticas sociais que evidenciam a diversidade e a criatividade de sua comunidade. No entanto, ainda é um desafio entender

¹ Este artigo é fruto da Pesquisa Juventude e Produção Cultural nas Periferias de São Paulo, uma parceria entre a FESPSP e o CEMJ, que foi realizada entre maio e novembro de 2024. Contou com a coordenação da Prof.^a Dr.^a Caroline Cotta de Mello Freitas e a participação de três estudantes da FESPSP como assistentes de pesquisa: eu, estudante de graduação em Biblioteconomia, Pedro Henrique de Oliveira e Sylas Aguilar, estudantes de graduação em Sociologia e Política. A pesquisa foi financiada no escopo do projeto Produção Cultural da Juventude nas periferias, Termo de Fomento n.º 176/2023 - SCEC-SP.

de que maneira os jovens da área se relacionam com os espaços culturais disponíveis e identificar as condições desses equipamentos. Este artigo visa apresentar um diagnóstico dos espaços culturais e das estruturas presentes na Brasilândia, além de explorar as percepções e os usos que os jovens fazem dessas instalações.

Os jovens das áreas periféricas urbanas têm um papel fundamental como agentes culturais, atuando não apenas como consumidores, mas também como criadores de narrativas que emergem de suas experiências de vida. Conforme menciona Almeida (2016), "*Desde a virada do milênio, em São Paulo, diferentes expressões culturais despontaram nas periferias da cidade com uma proposta de apropriação dos lugares e 'ressignificação' de espaços públicos e privados com um outro uso, com um outro olhar.*" (Almeida, p. 162). Assim, entendemos os jovens das periferias como mais do que simplesmente consumidores de cultura, mas como agentes, que produzem novas perspectivas a partir de suas realidades. Entretanto, esses processos criativos frequentemente encontram obstáculos estruturais que tornam sua expressão e o acesso a bens culturais mais difícil.

A sexta diretriz do Plano Nacional de Cultura (PNC) estabelece como objetivo a universalização do acesso dos brasileiros à arte e à cultura, buscando garantir que todos, independentemente de sua origem, classe social, ou local de moradia, possam exercer o direito à cultura. Esse direito está garantido pela Constituição Federal e a lei do PNC, que afirma: "garantir a cidadania cultural para efetivar o direito de acesso aos bens culturais", assegurando que a cultura seja um bem público acessível a toda a população, e que as práticas culturais se integrem ao cotidiano das pessoas em suas diversas formas e manifestações (BRASIL, 2010).

Os espaços culturais têm uma importância estratégica em comunidades periféricas, atuando como pontos de resistência e fortalecimento da identidade coletiva. Segundo Santos (2019, p. 77), os espaços culturais nas periferias urbanas são atuantes como pontos de resistência e de fortalecimento da identidade coletiva da comunidade. A análise desses espaços e de sua relação com os jovens da Brasilândia é fundamental para compreender as dinâmicas culturais locais.

Para estruturar esse diagnóstico, uti-

lizou-se a abordagem do design thinking, uma metodologia que permite organizar informações de forma colaborativa e centrada no usuário. Embora frequentemente associado à criação de soluções, Plattner (2015, p. 91) discute os diversos usos do processo, e propõe que design thinking pode ser aplicado com sucesso em diagnósticos, ao organizar informações de forma colaborativa e com foco no usuário. Neste estudo, a Agenda 2030 das Nações Unidas foi incorporada como referência para abordar os temas da pesquisa, destacando dois Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS): o ODS 4 - Educação de Qualidade, que enfatiza a importância de garantir uma educação inclusiva e equitativa, e o ODS 11 - Cidades e Comunidades Sustentáveis, que aborda a necessidade de tornar as cidades mais inclusivas, seguras e sustentáveis.

A inclusão da Agenda 2030 neste diagnóstico aprimora a compreensão sobre as dinâmicas culturais na Brasilândia, conectando os desafios locais a metas globais de desenvolvimento sustentável. Este artigo concentra-se em fornecer uma base analítica fundamentada em dados demográficos, socioeconômicos, e qualitativos, fornecendo um panorama detalhado sobre os equipamentos culturais e as relações que os jovens estabelecem com estes. O texto pretende sugerir futuras discussões que possam fortalecer políticas públicas e valorizar a juventude periférica e sua produção cultural.

2. PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

Este artigo adota uma abordagem metodológica mista, que integra dados qualitativos e quantitativos, com foco no uso do *design thinking* como principal metodologia para o diagnóstico da realidade cultural dos jovens da Brasilândia. O objetivo é entender os desafios e as dinâmicas culturais dessa comunidade, sem propor soluções definitivas, mas sugerindo possíveis ideias para ações futuras.

A análise quantitativa foi realizada com base em dados do Censo Demográfico do IBGE, que forneceram um panorama inicial sobre a faixa etária (15 a 29 anos), como sobre escolaridade e outros aspectos sociodemográficos dos jovens da região. Esses dados foram essenciais para o desenvolvimento de uma compreensão geral sobre as condições da comunidade, como o nível de acesso à educação e a presença de outros fatores sociais e econômicos.

A coleta qualitativa foi feita por meio de entrevistas semiestruturadas e rodas de conversa com jovens da comunidade. Foram abordadas questões relacionadas às suas práticas culturais, como música, dança e outras formas de expressão artística. O método de observação participante,

também utilizado no estudo, proporcionou uma visão mais aprofundada acerca das interações sociais que ocorrem na Brasilândia.

Os dados quantitativos e qualitativos servem como base para o diagnóstico, que é o principal objetivo deste texto. O design thinking foi escolhido como metodologia principal para organizar e analisar as informações obtidas porque se trata de um modelo centrado no ser humano, que visa promover a colaboração e a criatividade para resolver problemas complexos. Esse artigo se concentra em duas etapas principais, que são essenciais no design thinking: imersão e ideação.

A primeira etapa, a imersão, consistiu na análise e interpretação dos dados quantitativos levantados a partir do IBGE, com foco nas condições dos jovens da Brasilândia. Foi nesta fase que os dados quantitativos forneceram um panorama inicial da realidade social da comunidade, posteriormente, as entrevistas e as rodas de conversa ofereceram uma visão mais pessoal e detalhada sobre as práticas culturais.

Na fase de ideação, baseada nos insights gerados na imersão, foram exploradas possíveis direções para ações futuras. Como mencionado anteriormente, a ideia aqui não é propor soluções definitivas, mas sugerir caminhos para intervenções que possam ser desenvolvidas em breve. Essas sugestões foram construídas a partir dos problemas identificados durante o diagnóstico.

O diagnóstico aqui apresentado pretende servir como base para futuras ações que busquem fortalecer a identidade cultural de um bairro periférico com a Brasilândia, promover maior inclusão social na região e ampliar o acesso à cultura entre os jovens.

No âmbito cultural, essa metodologia pode ser adaptada para responder às necessidades de diferentes comunidades, especialmente aquelas em situação de vulnerabilidade, como as periferias. Ao aplicar o design thinking de forma colaborativa, envolvendo diretamente as comunidades nas fases de empatia e prototipagem, é possível criar soluções culturais mais inclusivas, respeitando a identidade local e promovendo a transformação social através da arte e da cultura (Brown; Wyatt, 2010).

3. JUVENTUDE E CULTURA NAS PERIFERIAS URBANAS

Segundo a educadora Luciana Pedrosa Marcassa, juventude é uma categoria social que se caracteriza,

[...] ao mesmo tempo, pela heterogeneidade e pelo agrupamento, pela diversidade e pela semelhança, portanto, marcada por determinações de classe, gênero, etnia e também clivada por diferenças produzidas pelas condições educacionais e culturais, pelo local de moradia e pela relação

que estabelece com outras gerações, em especial com o mundo adulto e sua entrada nele. Por isso, é importante compreender as experiências concretas nas quais a juventude se produz, articulando expectativas, o ambiente cultural, trajetórias, modos de pensar e agir com as condições materiais e concretas nas quais esses jovens estão inseridos. (Marcassa, 2017, p. 14).

A juventude, segundo a autora, é uma “constituição histórica” baseada nas relações sociais desse grupo com o mundo adulto. As necessidades e as condições históricas de seu desenvolvimento são configuradas pela sociedade moderna ocidental. Para definir juventude no sentido de uma construção histórica e social, é necessário considerar categorias como idade, geração e crise de geração (Foracchi, 1972).

Borelli e Rocha (2008) ressaltam a importância dos movimentos juvenis nos centros urbanos, que ajudam a combater os estereótipos que frequentemente ligam a juventude periférica à violência e marginalidade. Esses movimentos mostram como os jovens podem ressignificar sua imagem e afirmar novas identidades.

Por meio das redes de socialidade – e nem sempre articulados a projetos institucionais – alguns coletivos juvenis se tornam atores sociais, participam e intervêm em processos dentro de suas próprias comunidades, assim como nos espaços públicos das cidades em que residem. Alteram e transformam as estruturas e características originais dos cenários urbanos pela ação da música, do teatro, de leituras e narrativas, da dança e arte popular urbana, entre elas: grafites, pichações, stickers; intervêm em movimentos voltados para a ecologia, o meio ambiente, as novas ordens planetárias, entre outras alternativas de participação que adquirem um caráter político por sua intencionalidade e pelas formas por meio das quais se apropriam dos espaços públicos transformando-os, mesmo que efemeramente, em ‘lugares seus’ (Borelli; Rocha, 2008, p. 32).

A ação desses coletivos juvenis pode também assumir um caráter político. Ao atuar de forma autônoma, muitas vezes fora de projetos institucionais, eles ocupam e ressignificam os espaços públicos das cidades. Por meio da música, da dança, do grafite e de intervenções artísticas, esses grupos podem modificar temporariamente a aura desses locais, apropriando-se deles como espaços de expressão. Essas ações demonstram o potencial dos jovens para questionar as dinâmicas urbanas e propor novas formas de participação, mesmo em situações de marginalização social.

Essas práticas confrontam desigualdades e reafirmam a presença dos jovens em espaços que historicamente lhes são negados. Ao transformar ruas, praças e muros em plataformas de

expressão, os coletivos juvenis ampliam as possibilidades de diálogo entre as comunidades e o espaço urbano. Essas iniciativas mostram que a participação política não se restringe a instituições formais, mas pode ocorrer de maneira descentralizada e espontânea, com impacto direto na vida das cidades.

O engajamento de jovens com temas como ecologia, meio ambiente e outras questões globais demonstra uma capacidade de mobilização que trespassa os limites dos espaços tradicionais de poder. Ao se apropriar dos espaços públicos e transformá-los, os jovens criam formas de participação política, reivindicando seus direitos e espaço na cidade, e assim, questionando e reformulando as narrativas dominantes sobre sua juventude.

Diante das diversas contribuições apresentadas por autores como Marcassa (2017), Borelli e Rocha (2008), é possível compreender que a juventude periférica, especialmente em espaços urbanos como a Brasilândia, utiliza expressões artísticas e sociais como instrumentos de resistência e empoderamento. Contudo, para entender como esses movimentos se concretizam e suas condições de possibilidade, é importante investigar o panorama atual dos espaços culturais da região. O próximo tópico se dedicará a realizar o diagnóstico dos espaços culturais da Brasilândia, explorando como esses locais contribuem para a difusão de práticas culturais, e como elas podem fortalecer iniciativas juvenis nas periferias urbanas.

4. DIAGNÓSTICOS DOS ESPAÇOS CULTURAIS NA BRASILÂNDIA

A Brasilândia, embora seja um bairro periférico da cidade de São Paulo, apresenta diversidade de espaços artísticos e de lazer. Esses lugares incluem centros culturais, escolas de arte, praças, espaços de grafite, além de iniciativas autônomas realizadas por coletivos de jovens, que realizam atividades como rodas de conversa, apresentações artísticas e intervenções culturais nas ruas.

Apesar da riqueza de iniciativas culturais, os espaços formais e informais têm problemas relacionados a financiamento, infraestrutura e apoio institucional. A pesquisa identificou que, embora existam locais como o Centro Cultural Brasilândia e a Biblioteca Comunitária, muitos desses equipamentos ainda carecem de recursos adequados, tanto em estrutura quanto em programas direcionados para o público jovem. De acordo com dados do IBGE, a região apresenta um alto índice de desigualdade.

Os jovens da Brasilândia, muitas vezes, enfrentam barreiras para frequentar esses espaços,

principalmente devido a questões de transporte, horários incompatíveis com suas rotinas de trabalho e estudo, além da falta de divulgação das atividades. A ausência de uma programação voltada aos interesses da juventude limita o engajamento desses jovens com os espaços culturais tradicionais.

4.1 Percepções dos Jovens sobre os Espaços Culturais

Através das entrevistas e rodas de conversa realizadas, foi possível identificar que os jovens da Brasilândia têm uma relação ambígua com os estabelecimentos da região. Por um lado, há um forte reconhecimento da importância desses espaços como centros de expressão de uma identidade coletiva; como observado por Borelli e Rocha (2008), os coletivos juvenis são vitais na ressignificação de espaços urbanos. Para os jovens entrevistados, esses espaços são locais onde podem afirmar sua identidade, especialmente através de manifestações artísticas como o hip-hop, o rap, o grafite e a dança. Vale destacar que o termo "identidade" foi amplamente citado pelos participantes do estudo. Por outro lado, foi percebido um distanciamento entre as práticas culturais informais, predominantemente urbanas e de rua, e as atividades oferecidas pelos centros tradicionais. Muitos jovens afirmaram não acompanhar a programação oficial, que, em sua maioria, não atende às expectativas ou aos interesses dessa população. De acordo com um dos entrevistados: *"aquí na Brasilândia, tem muita coisa acontecendo na rua, mas os lugares como o Centro Cultural Brasilândia não acompanham isso. A gente curte mais os rolês na quebrada, na rua, nas praças"*.

A análise sobre as percepções desses jovens revela que, para eles, a cultura está profundamente conectada às suas vivências cotidianas e ao uso criativo dos espaços urbanos. No entanto, a falta de recursos, de programação direcionada e de espaços de encontro informais dificulta o pleno desenvolvimento dessas práticas culturais.

4.2 Sugestões para o Fortalecimento dos Espaços Culturais

Apesar da riqueza cultural, há uma série de desafios que comprometem o acesso e o aproveitamento desses espaços na Brasilândia. Entre os principais obstáculos, destacam-se:

- Muitos jovens relataram dificuldades de acesso aos centros culturais, devido à localização distante ou a falta de transporte público eficiente. A situação de vulnerabilidade socioeconômica também limita o deslocamento para esses espaços, o que cria um desalinho entre a oferta cultural e a demanda da população jovem.

- A maioria dos espaços culturais não oferece atividades que dialoguem diretamente com os interesses da juventude periférica, como as práticas culturais urbanas que incluem a música, o grafite, o hip-hop e a dança de rua. Essa desconexão cria um afastamento dos jovens em relação aos equipamentos culturais existentes na região.

- A pesquisa revelou que muitos espaços culturais enfrentam dificuldades orçamentárias, o que limita a realização de eventos e atividades regulares. Isso também afeta a qualidade das instalações, comprometendo a experiência do público e a eficácia das ações culturais.

Diante desses desafios, algumas sugestões para o fortalecimento dos espaços culturais na Brasilândia foram levantadas pelos próprios jovens e pelas rodas de conversa:

- A criação de rotas diretas para centros culturais e melhorias nos espaços físicos tornando o acesso mais fácil e atrativo. Isso pode aumentar a frequência dos jovens nesses locais, favorecendo sua integração com a vida cultural da cidade.

- Iniciativas que valorizem expressões como grafite, rap e dança de rua podem atrair jovens, ao conectar os espaços culturais com suas vivências cotidianas. Programas que estimulem a experimentação criativa favorecem a participação ativa.

- Colaborar com coletivos já existentes fortalece o vínculo entre os espaços formais e as práticas culturais da periferia. Essa aproximação enriquece a gestão cultural e valoriza a espontaneidade das iniciativas comunitárias.

- Oferecer formação em artes e gestão cultural pode transformar os jovens em protagonistas da cena local, promovendo autonomia e fortalecendo a identidade cultural da comunidade.

A análise dos espaços culturais na Brasilândia revelou o papel essencial das iniciativas culturais na construção da identidade da juventude periférica. No entanto, também evidenciou os desafios de acesso enfrentados pela comunidade, como barreiras estruturais e a falta de políticas direcionadas para esse grupo etário. Esse cenário reforça a necessidade de ações que dialoguem diretamente com as práticas e demandas culturais locais, respeitando as especificidades das periferias e dos jovens.

A Agenda 2030 e seus objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS) oferecem um referencial estratégico para políticas públicas inclusivas. Esses objetivos podem orientar iniciativas que promovam a valorização da cultura periférica, fortalecendo os espaços culturais e ampliando

seu alcance. O próximo tópico examinará como os ODS podem inspirar ações que tornem as políticas culturais mais acessíveis, sustentáveis e alinhadas com a realidade das comunidades periféricas, contribuindo para uma sociedade mais igualitária.

5. A AGENDA 2030 NA CULTURA PERIFÉRICA

A Agenda 2030, adotada pelas Nações Unidas, apresenta uma visão global para um futuro mais justo e sustentável, com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) como metas interligadas. Nas periferias urbanas, como a Brasilândia, a cultura desempenha um papel essencial para alcançar objetivos como a redução das desigualdades (ODS 10), cidades sustentáveis (ODS 11) e a promoção da paz e justiça (ODS 16). Por meio da cultura, expressam-se identidades locais e fortalecem-se laços comunitários, tornando-a um meio da transformação social.

Entretanto, a promoção cultural nas periferias enfrenta desafios como falta de infraestrutura, recursos financeiros e políticas eficazes. A integração da cultura aos esforços da Agenda 2030 pode valorizar expressões periféricas, fortalecendo espaços culturais como centros de cultura e praças. Esses locais, além de oferecerem acesso à arte e conhecimento, promovem inclusão social e participação comunitária, contribuindo para a redução das desigualdades das comunidades periféricas.

A valorização das culturas periféricas pode gerar oportunidades econômicas e reforçar o senso de pertencimento coletivo. Durante as entrevistas, foi mencionada a relevância de figuras como Negra Li, que nasceu na região e conseguiu se destacar graças às oportunidades em seu território. Essa representatividade inspira a juventude local e evidencia o impacto positivo da cultura como ferramenta de transformação social.

No entanto, regiões como a Brasilândia ainda enfrentam dificuldades, como acesso restrito a espaços culturais e a invisibilidade de práticas culturais locais. Parcerias do poder público com coletivos e iniciativas autônomas podem ajudar a superar essas limitações, promovendo uma cultura sustentável e inclusiva. Integrar a cultura aos princípios da Agenda 2030 é essencial para fortalecer a cidadania e valorizar a diversidade da juventude periférica.

6. ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise dos resultados permite estabelecer conexões importantes com os tópicos anteriores, que trataram dos espaços culturais da Brasilândia e dos objetivos da Agenda 2030. Esses dados destacam como a cultura pode ser uma

ferramenta potente de inclusão social e transformação na periferia. A juventude da Brasilândia, especialmente na faixa etária de 15 a 29 anos, enfrenta desafios que vão desde o acesso limitado à educação e ao trabalho até a precariedade de serviços básicos. Essas condições estão diretamente relacionadas a metas como educação de qualidade (ODS 4) e redução das desigualdades (ODS 10).

O acesso à educação superior é restrito, e muitos jovens convivem com defasagens educacionais, o que dificulta sua entrada no mercado de trabalho formal. Os esforços diários para equilibrar estudo e trabalho em condições difíceis criam uma verdadeira “cultura de sobrevivência”. Por outro lado, espaços culturais comunitários, como o *Slam da Norte* e o *Sarau da Brasa*, surgem como alternativas de aprendizado, troca de experiências e afirmação cultural.

A juventude da Brasilândia é formada majoritariamente por jovens pardos e pretos, que frequentemente lidam com preconceitos e barreiras estruturais. Além disso, questões ligadas à diversidade sexual aparecem com força nos relatos, mostrando avanços importantes em termos de aceitação, mas também grandes desafios. Os espaços culturais são indispensáveis nesse processo, como lugares de acolhimento e fortalecimento de identidade.

Os dados relacionados ao saneamento básico e à infraestrutura digital deixam claras as dificuldades históricas que impactam a qualidade de vida na região. Muitas casas não têm acesso adequado a esgoto ou à internet, o que compromete o desenvolvimento pessoal e educacional dos jovens. Mesmo assim, equipamentos culturais e comunitários despontam como iniciativas importantes, capazes de oferecer oportunidades concretas para reduzir essas desigualdades. Políticas públicas que integrem cultura, educação e inclusão digital são urgentes para atender às demandas dessa juventude.

Vale lembrar que, em contextos de renda média e alta, o ciclo de vida dos jovens até a década de 1970 seguia uma trajetória relativamente linear: estudo, trabalho e, finalmente, casamento. Para os jovens da periferia, essa linearidade nunca foi garantida, mas a situação hoje é ainda mais complexa. O prolongamento da juventude — aqui entendida como a faixa etária entre 15 e 29 anos — carrega novas dificuldades, especialmente para aqueles que dependem do trabalho para ajudar suas famílias. Muitos enfrentam longos períodos de estudo sem garantia de inserção no mercado e permanecem na casa dos pais, situação que reforça a chamada “moratória social”.

Segundo Sandra dos Santos Andrade (2014), “os/as jovens informantes expressam, em suas falas sobre modos de viver e compreender o mundo,

uma espécie de *moratória social*" (Andrade, 2014, p.91). No entanto, Margulis e Urresti (1996) apontam que, para as classes populares, essa condição de moratória é quase inexistente. Esses autores explicam que o conceito de "moratória social" se refere à possibilidade concedida por certos grupos sociais, especialmente os de classe média, para que seus jovens tenham "*um tempo legítimo para se dedicarem ao estudo e à capacitação (profissional), postergando o matrimônio (ou a vida independente, fora da casa dos pais), o que lhes permite gozar de certo período durante o qual a sociedade lhes brinda com uma especial tolerância*" (Margulis; Urresti, 1996, p. 15). Esse, definitivamente, não é o caso entre os jovens periféricos.

Os dados obtidos nos ajudam a pensar sobre como a juventude periférica ressignifica suas condições e busca novos caminhos. Apesar dos limites impostos pela realidade material, os jovens encontram na cultura e na coletividade formas de reinventar suas possibilidades de vida. Isso reafirma a importância de ações locais que fortaleçam os espaços culturais existentes, ampliem o acesso a serviços básicos e estimulem políticas inclusivas capazes de garantir um futuro mais digno e equitativo para a juventude da periferia.

Na Brasilândia, segundo o IBGE (Censo de 2010), 27,7% dos habitantes (73.323 pessoas) têm entre 15 e 29 anos. A faixa de 18 a 24 é predominante, correspondendo a 12,7% da população total do distrito. Dentre os jovens de 15 a 17 anos, há uma alta concentração no Ensino Médio, mas também uma presença significativa de estudantes em séries defasadas do Ensino Fundamental, o que evidencia os desafios educacionais da região. Para os jovens de 18 a 24 anos, predomina a ausência de vínculo educacional formal, enquanto a faixa de 25 a 29 anos apresenta números baixos de ensino superior completo. Entre os jovens alfabetizados, as taxas são elevadas, mas há uma queda na continuidade educacional.

As mulheres na Brasilândia representam 51,2% dos jovens de 15 a 29 anos, superando os homens (48,8%). Embora a diferença de gênero seja pequena, jovens que se identificam com outras orientações sexuais mencionam a necessidade de reconhecimento e aceitação, embora relatos individuais também mostrem casos de convivência familiar positiva. Um entrevistado descreveu sua relação com a sua família como "tranquila e de boa", em contraste com outros cenários menos acolhedores.

Em termos de etnia e identidade racial, a população jovem da Brasilândia é majoritariamente parda (42,01%), seguida por branca (46,9%) e preta (10,41%). O registro de indígenas e amarelos é baixo. Durante as pesquisas, jovens questionaram a categorização racial, preferindo se

identificar como pertencentes à raça "humana". Esse discurso pode refletir tanto uma crítica ao racismo quanto uma rejeição a divisões sociais baseadas em raça/cor.

A renda média mensal domiciliar per capita na Brasilândia é de R\$ 936. A maior parte dos jovens de 15 a 17 anos se enquadra na faixa de mais de 1/4 a 1/2 salário-mínimo. Já os de 18 a 24 anos começam a atingir faixas de renda entre 1 e 2 salários-mínimos, enquanto os de 25 a 29 anos mostram pequena concentração em rendimentos entre 2 e 3 salários-mínimos. Entretanto, a precariedade habitacional ainda é uma realidade para muitos, com jovens compartilhando residências pequenas e, muitas vezes, em condições insalubres.

No que diz respeito à inserção no mercado de trabalho, na faixa etária de 15 a 17 anos muitos jovens ainda não participam do mercado formal. Já para os de 18 a 24 anos, destaca-se o aumento de vínculos formais, embora o trabalho informal permaneça significativo. Para os de 25 a 29 anos, observa-se uma maior estabilidade no emprego formal, mas ainda com desafios relacionados à remuneração e condições de trabalho. Uma cultura de sobrevivência permeia a juventude, com muitos conciliando trabalho e estudo (35,4%), ou manifestando o desejo de trabalhar (33,7%).

Os dados sobre infraestrutura e condições de saneamento coletados revelam desigualdades significativas no acesso a serviços básicos. 62.956 residências estão conectadas à rede geral de esgoto ou pluvial, enquanto 5.562 têm como destino rios, lagos ou mar, e 719 utilizam valas. Sobre o abastecimento de água, 70.054 residências têm acesso à água canalizada em ao menos um cômodo, enquanto 2.221 possuem abastecimento apenas na propriedade ou no terreno.

A coleta de lixo na Brasilândia é realizada diretamente em 63.571 domicílios, mas cerca de 7.780 utilizam caçambas, o que indica desafios logísticos para garantir uma cobertura mais eficiente.

A análise dos dados coletados permite evidenciar os desafios enfrentados pelos jovens da Brasilândia, especialmente em relação ao acesso à educação, ao mercado de trabalho e à infraestrutura básica. O limitado acesso à internet e aos serviços públicos é um dos principais obstáculos para o desenvolvimento da juventude local. Apenas 30.347 jovens têm internet em suas casas, o que os coloca em uma situação de exclusão digital, dificultando o acesso à educação à distância, a busca por empregos e a outras oportunidades em uma sociedade cada vez mais conectada. A falta de conectividade, portanto, limita o potencial de desenvolvimento desses jovens e aprofunda as desigualdades sociais e econômicas que eles en-

frentam.

Apesar das dificuldades de exclusão digital, a Brasilândia conta com espaços culturais e de lazer que atuam como pilares de resistência e promoção da identidade juvenil. Locais como a Casa de Cultura Municipal da Brasilândia e o Centro Cultural da Juventude oferecem oportunidades de aprendizado, integração e desenvolvimento pessoal. Esses centros culturais, funcionam como redes de apoio social e emocional que conectam os moradores e fomentam a identidade coletiva. A arte e a cultura local emergem como instrumentos de transformação, desafiando os estigmas frequentemente associados às periferias.

A mobilidade urbana é outro obstáculo significativo enfrentado pelos jovens da região. O tempo excessivo gasto em deslocamentos diários devido à precariedade do transporte público intensifica as desigualdades entre o centro e as periferias. Esse cenário limita o acesso a oportunidades educacionais e culturais, gerando um ciclo de exaustão e dificultando a inclusão social e econômica dos jovens.

Os relatos nas entrevistas destacaram a importância dos espaços culturais como agentes de transformação. Esses locais permitem que os jovens expressem suas identidades, se conectem com a comunidade e resistam às adversidades. Um exemplo notável trazido pelas entrevistas é o podcast *Prevenção para Todxs*, uma iniciativa que aborda temas de saúde, cidadania e cultura voltados para a juventude periférica. Esse podcast não apenas informa e conscientiza, mas também se consolida como um espaço de inclusão digital e diálogo, conectando jovens a conteúdos que dialogam diretamente com suas realidades e demandas.

Além disso, metodologias como o *design thinking*, especialmente nas etapas de definição, se mostraram eficazes na identificação de desafios como falta de acesso à conectividade digital e serviços públicos. Iniciativas como o Slam da Norte, o Sarau da Brasa e o próprio podcast *Prevenção para Todxs* exemplificam soluções inovadoras, funcionando como protótipos de inclusão e inovação cultural. Essas ações reafirmam o papel da cultura e da comunicação digital como ferramentas transformadoras, capazes de fomentar a participação ativa dos jovens e fortalecer redes de apoio comunitário.

Esses espaços culturais e projetos colaborativos demonstram o potencial da cultura para unir educação, arte e infraestrutura digital, evidenciando o impacto positivo que políticas públicas bem estruturadas podem ter na vida dos jovens. Assim, é essencial implementar e adaptar políticas de inclusão digital, educação e fomento cultural com base nas realidades locais, aproveit-

ando os aprendizados de iniciativas já em andamento, como os espaços culturais da Brasilândia e projetos como *Prevenção para Todxs*.

Metodologias colaborativas, como o *design thinking*, são cruciais para desenvolver soluções alinhadas às necessidades dos jovens. Ao envolvê-los ativamente na criação de estratégias, é possível emponderá-los e fomentar soluções inovadoras e sustentáveis que possam ser replicadas em outras periferias. Apoiar e ampliar iniciativas culturais e digitais existentes é essencial para fortalecer o protagonismo juvenil e criar um ciclo virtuoso de desenvolvimento social e cultural.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O diagnóstico sociocultural na Brasilândia destacou a importância dos espaços culturais na formação da identidade dos jovens e como instrumentos de resistência e transformação social. No entanto, desafios como acesso limitado, programações desalinhadas com as demandas juvenis e infraestrutura precária comprometem o alcance e a eficácia desses espaços na integração da comunidade jovem.

A pesquisa revelou que a conexão entre práticas culturais autônomas da juventude e equipamentos formais é essencial para promover a inclusão social. Políticas culturais devem considerar essas características locais, valorizando as expressões artísticas já existentes e frequentemente organizadas de forma independente pela comunidade.

A utilização da metodologia de *design thinking* mostrou-se eficiente para mapear necessidades e identificar soluções. O envolvimento direto dos jovens permitiu a criação de propostas que respeitam a diversidade cultural da região e fortalecem o protagonismo juvenil na construção de iniciativas inovadoras e inclusivas.

Recomenda-se o fortalecimento dos espaços culturais, maior oferta de programações adequadas, ampliação do acesso digital e estabelecimento de parcerias com coletivos locais. Investimentos contínuos são fundamentais para garantir a sustentabilidade dessas ações e o impacto positivo na comunidade.

Por fim, a cultura periférica não é apenas um reflexo das condições sociais, mas um agente de transformação. Valorizar e fortalecer as manifestações culturais na Brasilândia pode beneficiar a juventude local e servir como referência para políticas públicas inclusivas em outras regiões periféricas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Renato Souza de. Cultura e identidade nas periferias urbanas: apropriação e resignificação de espaços públicos. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, v. 14, n. 2, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rieb/a/6JdrNwGyHH3ShVGDJxxPVFt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 dez. 2024.
- ANDRADE, Sandra dos Santos. Juventudes e processos de escolarização: uma abordagem cultural. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- ANDRADE, Sandra dos Santos; MEYER, Dagmar Estermann. Juventudes, moratória social e gênero: flutuações identitárias e(m) histórias narradas. *Educar em Revista*, Curitiba, Edição Especial n. 1, p. 85-99, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.36463>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/hT39ppnhSjW5DyJgz73CdB/>. Acesso em: 16 dez. 2024.
- BORELLI, Silvia; ROCHA, Rose de Melo. Juventudes, mediações e nomadismos: a cidade como arena. *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, v. 5 n. 13, p. 27-40, jul. 2008.
- BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Relatórios e análises sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br>. Acesso em: 15 dez. 2024.
- Brasil. Política Nacional de Cultura: avaliação e diretrizes. Ministério da Cultura, 2019. Disponível em: https://cnpq.cultura.gov.br/wpcontent/uploads/sites/3/2017/11/EBOOK_PNC_28_01_19_final-AVALIAÇÃO-PNC.pdf. Acesso em: 12 dez. 2024.
- BROWN, Tim. (2008). *Design Thinking*. Harvard Business Review, 84-92.
- BROWN, Tim. 2009. *Change by design: How design thinking transforms organizations and inspires innovation*. New York: Harper-Collins.
- BROWN, Tim; WYATT, J Jocelyn. (2010). *Design thinking para inovação social* (T. M. B. F. dos Reis, Trad.). Stanford Social Innovation Review, (Winter 2010).
- FORACCHI, Marialice Mencarini. *A juventude na sociedade moderna*. São Paulo: Pioneira, 1972.
- GUIMARÃES Antônio Sérgio. *Classes, raças e democracia*. São Paulo: Editora 34, 2002.
- IDEO Global Libraries. *Design Thinking para Bibliotecas: um toolkit para design centrado no usuário*. Repositório - FEBAB. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/1537>. Acesso em: 16 dez. 2024.
- MARCISSA, Luciana Pedrosa. (Coord.). *Relatório de Pesquisa. Juventude pobre e escolarização: relações com a escola o trabalho e a cultura em territórios de precariedade*. Departamento de Metodologia de Ensino, Centro de Ciências da Educação, universidade federal de Santa Catarina, maio de 2017. (mimeo).
- MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. *La juventud es más que una palabra*. In: ARIOVICH, Laura. *La juventud es más que una palabra: ensayos sobre cultura y juventud*. Buenos Aires: Biblos, 1996. p. 13-30.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). *Transformando nosso mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável*. 2015. Disponível em: <https://sdgs.un.org/2030agenda>. Acesso em: 15 dez. 2024.
- PLATTNER, Hasso. *Design Thinking: Understand - Improve - Apply*. Berlin: Springer, 2015. Disponível em: https://ia601209.us.archive.org/30/items/asxsaxsaxgbyunuyun/Design%20Thinking_%20Understand%20%E2%80%93%20Improve%20%E2%80%93%20Apply%20.pdf. Acesso em: 12 dez. 2024.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2019.
- UNESCO. *Culture: A driver and an enabler of sustainable development*. 2016. Disponível em: <https://www.unesco.org>. Acesso em: 15 dez. 2024.



Organizações e Produções Culturais da Juventude Periférica em São Mateus

Sylas Aguilar

RESUMO: Este artigo, parte da identificação de terminadas organizações e produções culturais da juventude periférica do distrito de São Mateus - Zona Leste da cidade de São Paulo, em especial, no bairro da Fila Flávia, a partir das visitas e observação em campo, realizadas de maio a outubro de 2024. No território encontra-se um conjunto de articuladores/agentes comunitários, jovens e adultos, que organizam e produzem cultura para a juventude, a fim de fortalecer laços e, por meio de múltiplas manifestações artísticas e da valorização da cultura do local, construir formas de existências e resistências¹.

Palavras-chave: Organizações culturais; Produção Cultural; Cultura; Juventude periférica; São Paulo; São Mateus; Vila Flávia.

1. INTRODUÇÃO

A partir das idas a campo e observação participante, foi possível constatar-se que no distrito de São Mateus (Zona Leste), em especial o bairro da Vila Flávia, possui uma diversidade cultural e artística coletiva pujante. Existem vários agentes responsáveis pela produção e manutenção de espaços voltados a atividades culturais para a juventude, destacam-se entre eles os espaços do *São Mateus em Movimento* e o *Favela Galeria*.

Da mesma forma como os Agentes Comunitários de Saúde, que desenvolvem um trabalho como um braço do Sistema Único de Saúde (SUS) e, desempenham um papel crucial na promoção da saúde humana, na prevenção e contenção de doenças na comunidade; os articuladores/agentes comunitários de cultura também

desempenham um papel crucial para a promoção do bem-estar social por meio de acesso às atividades voltadas à cultura. Esses articuladores/agentes atuam diretamente nas comunidades, em diálogo com os equipamentos culturais existentes no território, fomentando ações educativas, promoção de valorização do patrimônio cultural local, incentivo à produção artística local e regional.

Dessa forma, temos a inclusão e a participação ativa das pessoas que residem e convivem na comunidade, criando vínculos entre indivíduos e grupos; laços que se constituem a partir de relações que, embora em constante movimento, permitem a construção de uma identidade coletiva e fomentam a produção cultural local.

Este artigo procura compreender a relação entre juventude e produção cultural como forma de existência e resistência nos espaços periféricos, a partir da descrição desses espaços culturais, dos agentes comunitários locais, manifestações e produções culturais da juventude no território de Vila Flávia, distrito de São Mateus.

2. PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

Segundo S. Beaud e F. Weber, a conduta de pesquisa por meio da observação realiza-se a partir de três tarefas, "observação, um triplo trabalho de percepção, de memorização e de anotação" (S. Beaud; F. Weber, 2014, p. 95). A observação é fundamental para uma análise que trate das relações sociais em campo, olhos de ver e não de enxergar, isto é, estranhar o que é familiar e tornar familiar o que é estranho, no sentido de ser diferente daquilo que está a nossa volta.

Perceber é se envolver com aquilo que está acontecendo no momento em campo, é estar atento aos mínimos detalhes que muitas das vezes passam despercebidos dos olhos do pesquisador, é ver o que está sua frente, mas também o que está em sua volta, perceber também é ser percebido, marcar posição e presença, é estranhar o campo afim de tencionar o ambiente cômodo.

Memorizar é visualizar o contexto em que o local está inserido, é observar a paisagem do ambiente, data e hora, ver as movimentações que transcorrem o espaço, sejam elas de pessoas ou coisas, como por exemplo, meios de loco-

1 Este artigo é fruto da Pesquisa Juventude e Produção Cultural nas Periferias de São Paulo, uma parceria entre a FESPSP e o CEMJ, que foi realizada entre maio e novembro de 2024. Contou com a coordenação da Prof.^a Dr.^a Caroline Cotta de Mello Freitas e a participação de três estudantes da FESPSP como assistentes de pesquisa: eu, Pedro Henrique de Oliveira, estudante de graduação em Sociologia e Política, como eu, e Ana Clara Velozo Duete – estudante de graduação de Biblioteconomia e Ciência da Informação. A pesquisa foi financiada no escopo do projeto Produção Cultural da Juventude nas periferias. Termo de Fomento n.º 176/2023 – SCEC-SP.

moção, carros, motos, bicicletas etc. Tudo que faz parte do local deve ser notado, por isso, anotado logo em seguida, deve ser anotado tudo que é possível, e se vai memorizando e guardando as informações para análises posteriores, não há observação sem anotação.

Anotar é saber vivenciar o local para poder observar o fenômeno que lhe interessa pesquisar, e para que seja uma análise o mais fidedigna possível, com o intuito de não enviesar a análise, é necessário ter neutralidade axiológica (postura neutra) após o campo em relação ao fenômeno que se está buscando compreender. Beaud e Weber, afirmam:

A neutralidade axiológica é um princípio de análise após fato, não um princípio de observação no local. Evite, todavia, expressar suas observações sob qualquer forma, pois em pesquisa (e malgrado as aparências a partir do momento em que está em situação, mesmo familiar, se está em pesquisa), a neutralidade não é um princípio científico, mas um princípio deontológico ou, mais simplesmente, um princípio prático de prudência. Portanto, expresse suas observações mentalmente (S. Beaud; F. Weber, 2014, p. 105).

A observação é uma "observação mental", para além de ser visual ou sensível, pois você memoriza e anota palavras ouvidas, frases construídas, pessoas e lugares nomeados ou citados, lembranças ditas e ações nomeadas ou observadas. Isto tudo, configura como um procedimento de pesquisa de "observação etnográfica" ou "observação sociológica", a fim de vivenciar e compreender o campo, os habitantes do território e seus modos de existência, vivências e resistências cotidianas.

3. JUVENTUDE E A PRODUÇÃO CULTURAL NA VILA FLÁVIA

A juventude, segundo Rayssa Rezende (2016), consiste em uma representação simbólica formada por grupos sociais e pelos indivíduos que os compõem, essa categoria possibilita evidenciar comportamentos e atitudes ligados ao grupo etário (15 a 29 anos). A ideia de ser jovem é fruto de processos históricos-sociais da modernidade, organizada pelas diversas faixas etárias que coordenam o prosseguir da vida entre a infância e a vida adulta. Rezende (2016) ressalta que a sociedade pode ser pensada como um complexo de relações interpessoais, onde relacionar-se com o outro é produzir relações interpessoais e, consequentemente, produzir ao mesmo tempo a extensão dessas relações em sociedade. Logo, a sociedade é materializada no espaço e podemos compreender as relações sociais como relações socioespaciais. A autora afirma que:

Existem vários agentes sociais responsáveis pela produção do espaço. Porém na dimensão do cotidiano, que acontece no lugar, além das normas hegemônicas, tem-se os sujeitos que através

de atos e ações necessária a vida produzem o espaço. O cotidiano ganha importância, pois é do lugar que habita que o homem se relaciona com o mundo, primeiro com a rua onde mora, com o bairro, com a cidade e a partir dessas vivências com o mundo. (Rezende, 2016, p. 1).

O *São Mateus em Movimento*, localizado na Rua Cônego José Maria Fernandes, nº 127 – Vila Flávia – SP; é um ponto de cultura periférica, com atuação em cultura digital (redes) e nas ruas. Foi fundado em 2007 e consiste em uma rede de agentes e coletivos culturais que se reúnem num espaço comunitário, que oferta também, durante a semana e aos sábados, oficinas gratuitas para os jovens da comunidade. Entre as oficinas, tem-se aulas de inglês, informática, DJ, MC, produção cultural, flauta doce e instrumentos de cordas, artesanato, capoeira e leitura coletiva.

Minha primeira anotação etnográfica de campo sobre como foi visitar o bairro da Vila Flávia e conhecer o espaço São Mateus em Movimento diz o seguinte:

15 de junho de 2024

*Por volta das 10h40min da manhã, cheguei no endereço marcado para encontrar meus colegas de pesquisa, me apresentei para uma das lideranças da comunidade, Negotinho. Ele é articulador cultural do espaço cultural "São Mateus em Movimento". Após as devidas apresentações e cumprimentos, me convidaram a conhecer o espaço cultural por dentro, subi as escadas e me sentei nos assentos indicados. Me ofereceram um lanche (pão com mortadela e requeijão), disse que eu estava satisfeito, me ofereceram uma bebida (suco, refrigerante, água e café) e eu optei pelo café e agradei. Após uns 15min, aguardando a equipe de pesquisa chegar – eu havia sido o primeiro -, me convidaram para participar junto com os jovens da aula de inglês que estava ocorrendo, havia 7 jovens entre da faixa etária de 15 a 29 anos assistindo a aula. Alguns alunos saíam e entravam para assistir a aula, alguns poucos participavam das dinâmicas que o professor realizava em sala de aula, mas quando a aula estava prestes a encerrar, tinha um último exercício a ser feito. Diferenciar os pronomes demonstrativos em inglês: **this** e **that**, fora da sala de aula, na rua da comunidade. Todos os jovens se engajaram e participaram da atividade, diferenciando **this** ou **that**, apontando para coisas que estavam ao redor da rua, havia uma festa sendo feita para as crianças com pula-pula em formato de castelo, piscina de bolinhas, algodão doce e cachorro-quente. Ao final da atividade, nos aproximamos e tiramos uma foto todos juntos.*

Após parte da equipe de pesquisa chegar, decidimos andar pela comunidade com a ajuda do mobilizador de São Mateus. Andando pela comunidade, vimos diversas pessoas nas calçadas conversando, certas pessoas lavando e limpando seu

automóvel, crianças brincando, homens cortando a carne de um pouco na beira do córrego, para assar na hora do almoço, era um sábado à tarde de um sol radiante. Circulando pelo bairro, vimos diversos grafites espalhados pelas paredes e muros da comunidade, alguns estavam a ser feitos no momento, eram diversos artistas jovens independentes grafitando, grupos inteiramente de grafiteiras, grafitando naquele momento, inúmeros personagens de desenhos animados e filmes, como por exemplo, o clássico filme de Alice no País das Maravilhas, de 1951, e seus respectivos personagens, além de alguns estarem grafitando aspectos da comunidade e pessoas da comunidade, como lideranças conhecidas do bairro...

Essa transcrição é importante para percebermos o que acontece em campo, estar em campo é se envolver totalmente para notar, anotar, e ser notado pelas pessoas que vivem naquele local. No caso mencionado, uma sala de aula com jovens de 15 a 29 anos e seu professor de inglês. Anotar é saber vivenciar o local de maneira que não escapem os mínimos detalhes do campo, é memorizar as movimentações que transcorrem o espaço, neste caso, a ida dos jovens a rua e suas interações com o espaço no intuito de participar ativamente da última atividade que o professor tinha proposto.

Isso configura a "observação mental", sendo uma observação sensível e visual. Assim, para vivenciar o campo e compreender sua dinâmica, é necessário observar o que as pessoas estão fazendo e, se possível, parar para conversar com elas sobre aquilo que elas estão fazendo, ser genuíno em saber ouvir cada palavra com atenção. Fazemos uma "observação etnográfica" para perceber que os jovens que estavam presentes na aula se interessaram mais pela última atividade, que estava intimamente ligada ao seu local de moradia e circulação, a atividade foi mais bem sucedida quando se relacionou com o cotidiano dos jovens.

Com relação ao Favela Galeria, o conheci porque o bairro da Vila Flávia, possui uma das maiores galerias de arte a céu aberto do mundo, possui mais de 200 intervenções artísticas espalhadas pelo bairro e mais de 3 km de patrimônio criativo, o processo curatorial é desenvolvido coletivamente e já trouxe para as ruas e vielas referências nacionais e internacionais da arte urbana. Tudo isso existe graças à atuação do espaço cultural Favela Galeria, que é localizado na Rua Archângelo Archiná, nº 587 - Vila Flávia - SP.

O Favela Galeria é um projeto artístico cultural idealizado e desenvolvido desde 2009, por um coletivo cultural chamado OPNI, que envolve diversos artistas jovens e lideranças comunitárias da Vila Flávia, que se inspiram no legado da cultura do Hip Hop paulistano e participam

desse movimento cultural jovem.

A galeria de arte urbana consiste em um espaço de encontro, promoção, difusão, articulação artística e cultural entre as periferias, onde a arte de grafitar pode ser uma forma de elevar a potencialidade dos talentos dos jovens periféricos moradores do bairro, fortalecendo a juventude e preservando a memória da população negra do bairro. Também fomenta debates e atividades artísticas de suma importância para o território, a fim de promover o bem-estar dos moradores e da juventude, atuando também no combate à violência, as desigualdades sociais e opressões diversas.

Além das duas organizações citadas, que fomentam atividades culturais para jovens do território, há também o *Coletivo Perifanálise*, um coletivo de perifanalistas fundado por mulheres (profissionais de psicologia e psicanálise) de quebrada, que atuam desde 2018. Realizam atendimento psicanalítico na e para a periferia, atuam em São Mateus e em outras quebradas; discutem questões sobre saúde mental, fortalecendo laços da cultura periférica, debatendo ética do cuidado e proporcionando formação em psicanálise para as pessoas da periferia. As atividades do grupo são realizadas no espaço do *Favela Galeria* e do São Mateus em Movimento, entre outros espaços da comunidade.

No território também existe o bloco de carnaval de rua *Tantinho do Quererê*, que reúne toda a comunidade da Vila Flávia para desfilar pelas ruas na época de carnaval. É um bloco constituído por moradores do bairro que gostam de "*batucar e fazer barulho*" com os instrumentos "*para agitar a rapaziada*", tem a intenção de ensinar para as crianças as raízes do samba na comunidade, inspirar novos instrumentistas a compor a banda e dar continuidade ao legado do samba no território.

É com base na convivência nesses espaços, das vivências e trajetórias que compartilham, das inspirações e ações que promovem que os jovens forjam suas identidades, existências e resistências, se reconhecem e produzem sua interação simbólica com o arranjo socioespacial da comunidade.

A vida na comunidade é atravessada por acontecimentos de efervescência cultural, as relações observadas, que organizam a vida social na comunidade, possibilitam compreender não só que as pessoas da comunidade forjam vínculos internos ao produzir cultura, mas que ocupam o território e o usam para reprodução social da vida e de solidariedades, tanto quanto para a inovação e produção de novas relações e expressões culturais.

Pensando um pouco a partir do conceito de coesão social, proposto por Émile Durkheim,



Mulheres e o Bolsa Família: Quem recebe?

Texto retirado do relatório de pesquisa

temos que

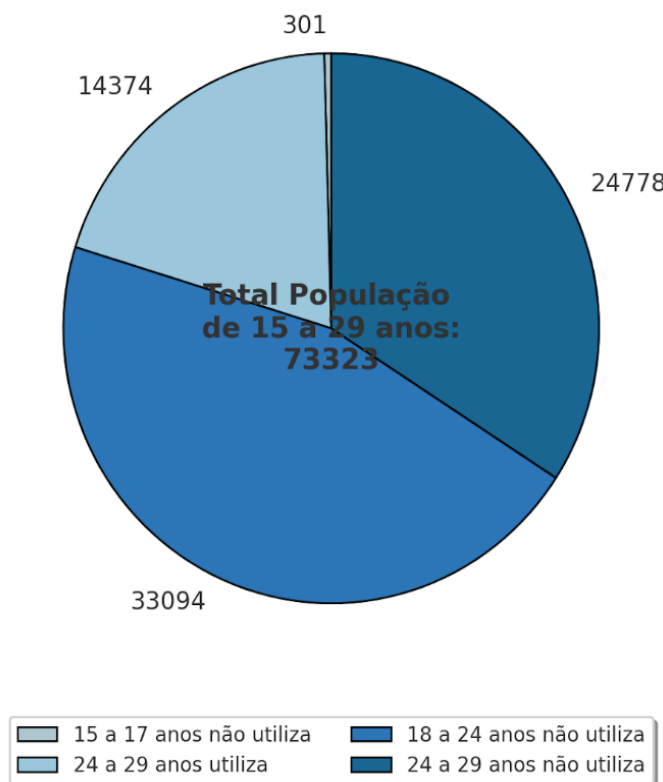
[...] o que faz que o indivíduo seja mais ou menos intimamente ligado a seu grupo não é apenas a multiplicidade maior ou menor dos pontos de vinculação, mas também a intensidade variável das forças que o mantêm vinculado a eles (Durkheim, 2019, p. 129).

Esta força que Durkheim menciona, se manifesta a partir da solidariedade orgânica, onde há a interdependência social do trabalho devido à alta divisão das sociedades, isto é, uma gama de diferenças entre os indivíduos que faz com que haja um tipo de vínculo social, é como um corpo humano que depende dos diversos órgãos para estar pleno funcionamento, já que um órgão depende do outro para funcionar.

Viver em comunidade é mais ou menos parecido, a coesão nas relações que abrangem os arranjos socioespaciais e os vínculos firmados entre os jovens que consomem e/ou produzem cultura, resultam também na consolidação de vínculos de solidariedades e coesão do conjunto da comunidade. Observa-se, por exemplo, que o bloco de carnaval *Tantinho do Quererê* promove coesão social por estar intimamente ligado aos membros da comunidade, que embora exerçam papéis e funções diferentes, cuja presença cria a possibilidade de que diferentes pessoas se envolvam nas atividades do bloco e contribuam para a produção cultural.

A juventude é socialmente construída e se constitui por meio das relações que estabelece ao compartilhar e partilhar gostos, modos de ser e pensar. De acordo com Pierre Bourdieu: “os jovens se definem como tendo futuro, como definindo o futuro” (Bourdieu, 2003, p. 160). Definindo o futuro se definem transformações e revoluções periféricas que só a juventude de quebrada pode realizar, oferecendo transformações para o conjunto da sociedade em forma de arte, música, dança, poesia e diversas outras

Distribuição da População (15 a 29 anos) que utiliza Bolsa Família ou PETI



BOURDIEU, Pierre. [1980]. A “juventude” é só uma palavra. Trad. Miguel Serras Pereira. In _____. Questões de sociologia. Lisboa: Fim de Século, 2003, p. 151 a 162, Pdf.

ANÁLISE

Este gráfico ilustra a distribuição da população jovem, entre 15 e 29 anos, que utiliza o Bolsa Família ou o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI). O total da população considerada neste grupo etário é de **73.323 pessoas**, divididas em diferentes categorias de uso do benefício.

- **301 jovens de 24 a 29 anos utilizam** o Bolsa Família ou PETI.
- **14.374 pessoas de 24 a 29 anos não utilizam** o benefício.
- **33.094 jovens de 18 a 24 anos também não utilizam** esses programas.
- **24.778 jovens de 15 a 17 anos** também estão fora do benefício.

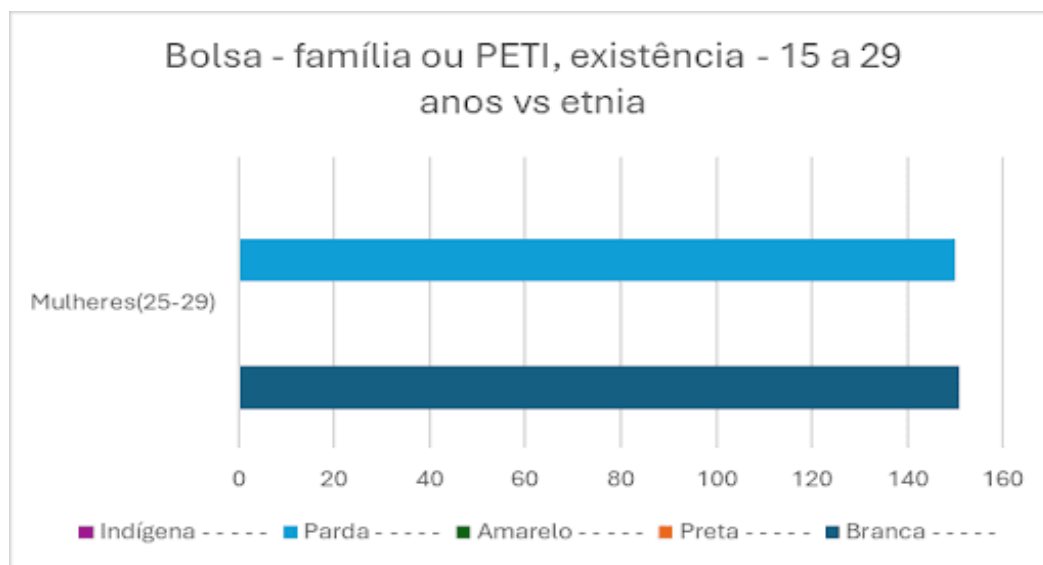
Maternidade Recente: É possível que muitas mulheres nessa faixa etária estejam vivenciando a maternidade pela primeira vez ou tenham filhos pequenos. Nesse contexto, o auxílio financeiro do Bolsa Família ou do PETI se torna essencial para garantir o sustento e o bem-estar dos filhos.

Necessidade de Apoio Econômico: As mulheres nessa faixa etária podem enfrentar desafios financeiros significativos, especialmente se estão em situação de vulnerabilidade ou desemprego. O acesso a esses benefícios pode ser crucial para a manutenção da família e o desenvolvimento saudável das crianças.

Acesso aos Benefícios: O fato de que os jovens de 15 a 18 anos não são beneficiários diretos, mas recebem por meio de suas mães, indica que as mães são as principais responsáveis pela gestão financeira da família. Isso pode refletir normas sociais que atribuem às mulheres a responsabilidade pela criação e sustento dos filhos.

Impacto na Educação e Trabalho: As mulheres que são mães jovens podem estar mais propensas a interromper seus estudos ou abandonar empregos, o que pode dificultar sua capacidade de prover a família. O Bolsa Família e o PETI, portanto, atuam como uma rede de segurança, permitindo que essas mulheres cuidem de seus filhos enquanto buscam oportunidades de emprego ou educação.

As mulheres de 24 a 29 anos são as principais beneficiárias do Bolsa Família e do PETI, possivelmente devido à maternidade recente e a necessidade de apoio financeiro para sustentar seus filhos pequenos. Essa faixa etária pode enfrentar desafios econômicos significativos, o que torna essencial o auxílio social para garantir o bem-estar da família. Além disso, o fato de que os adolescentes de 15 a 18 anos não recebem benefícios diretamente, mas por meio de suas mães, reflete o papel tradicional da mulher como cuidadora e provedora. Barreiras como falta de informação, estigmas sociais e expectativas de independência financeira podem dificultar o acesso de outros jovens aos benefícios. Portanto, é fundamental que políticas públicas considerem as necessidades específicas das mães jovens, assegurando que o apoio financeiro não apenas beneficia as mães, mas também promove o desenvolvimento saudável dos filhos.



Fonte: Dados do BME, microdados da amostra do Censo Demográfico de 2010.

ANÁLISE

Este gráfico apresenta a distribuição da utilização do Bolsa Família ou do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) entre mulheres de 25 a 29 anos, segmentado por etnia. Os dados revelam um cenário onde apenas as mulheres **pardas** (150 beneficiárias) e **brancas** (151 beneficiárias) estão representadas, enquanto as etnias **indígena, preta e amarela** não possuem registro de beneficiárias neste grupo etário.

Impacto nas Famílias: O fato de que essas mulheres são mães significa que o apoio financeiro não apenas beneficia diretamente a elas, mas também tem um efeito significativo sobre seus filhos, garantindo recursos para alimentação, educação e cuidados básicos.

Responsabilidade Familiar: As mães frequentemente desempenham um papel central na gestão financeira e emocional da família. Assim, o acesso a esses benefícios é crucial para a estabilidade e o bem-estar da unidade familiar.



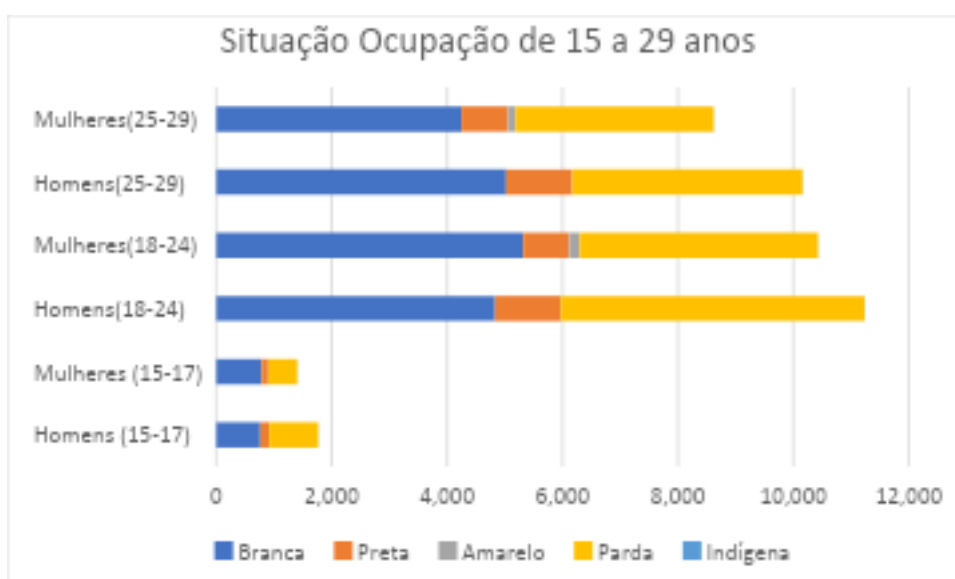
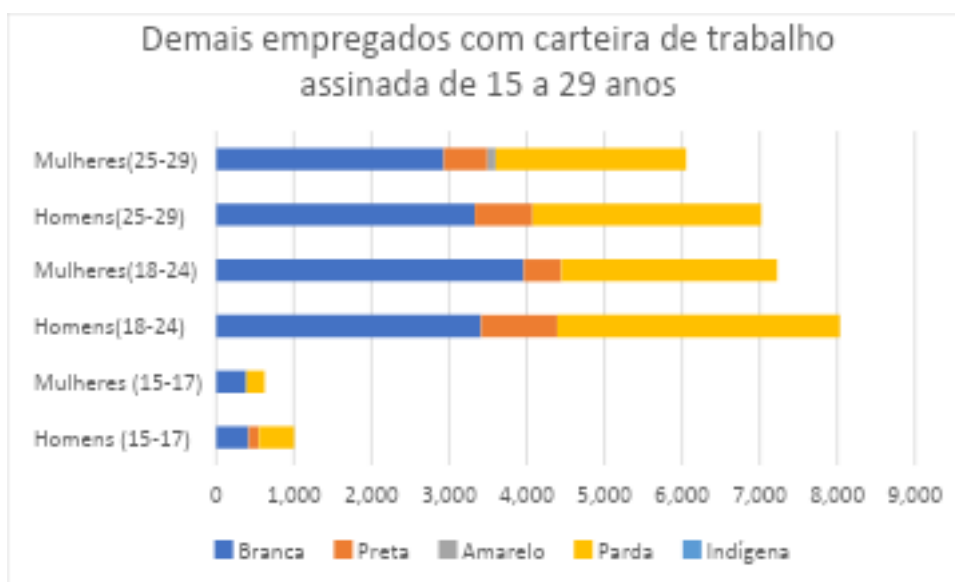
Jovens e Mercado de Trabalho nas Periferias: Um Comparativo entre Brasilândia e São Mateus

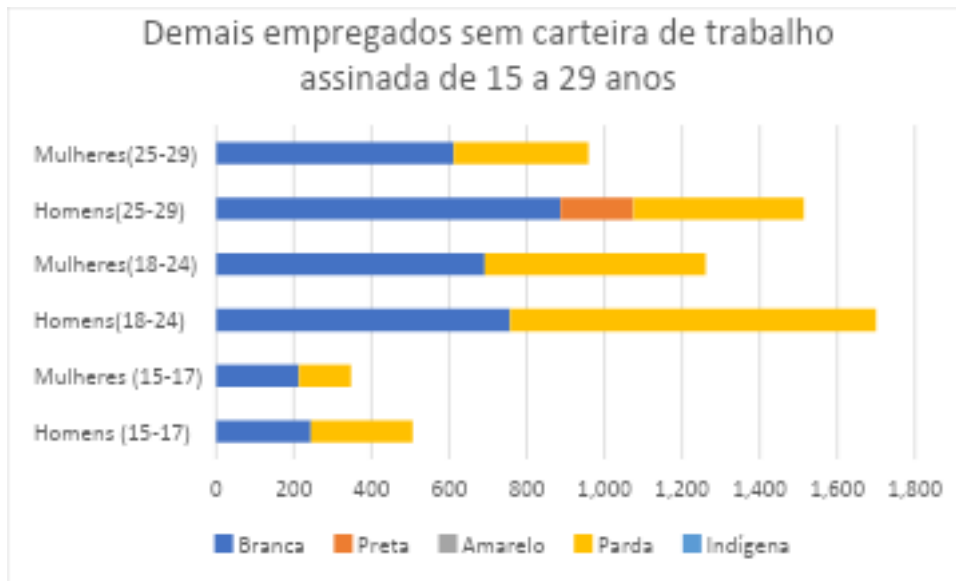
Texto retirado do relatório de pesquisa

A inserção dos jovens no mercado de trabalho em áreas periféricas como Brasilândia e São Mateus reflete os desafios socioeconômicos enfrentados pelas juventudes dessas regiões. Ambos os distritos apresentam uma predominância de empregos informais, com diferenças significativas em relação à faixa etária, gênero e condições de trabalho.

BRASILÂNDIA: SITUAÇÃO DE OCUPAÇÃO E EMPREGO

Na Brasilândia, 15.260 jovens entre 18 e 24 anos estão empregados formalmente, enquanto 2.961 estão em ocupações informais. Na faixa etária de 25 a 29 anos o número de empregos formais diminui em relação à faixa mais jovem, sugerindo que muitos transitam para a informalidade ou saem do mercado de trabalho. Por outro lado, os jovens de 15 a 17 anos apresentam índices baixos de ocupação formal e informal, refletindo sua condição como população em transição para a vida profissional.

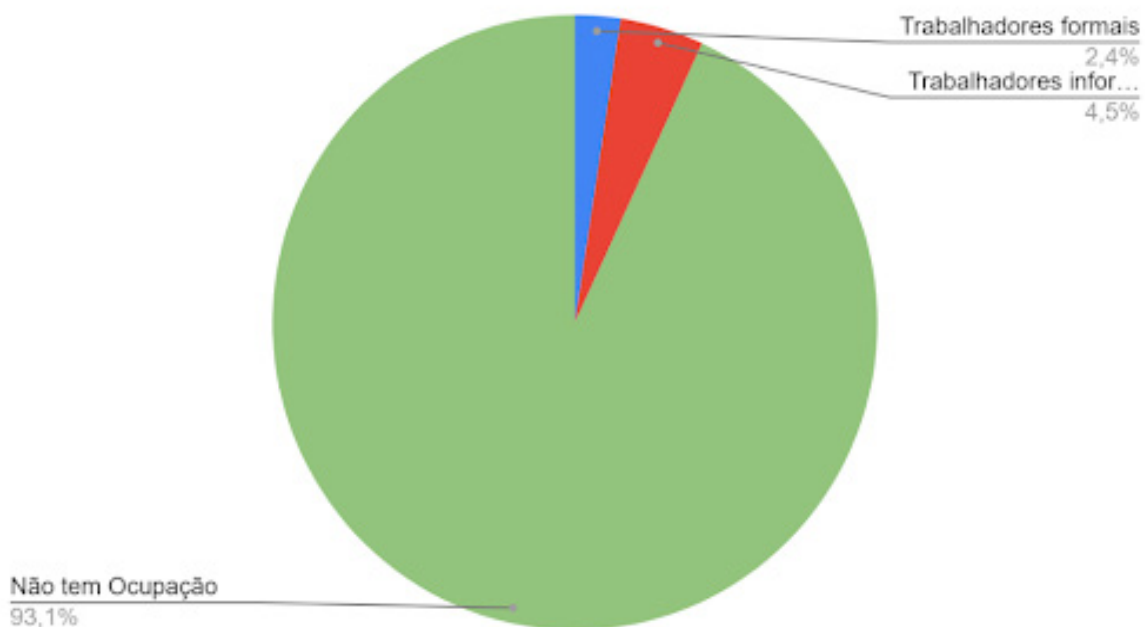




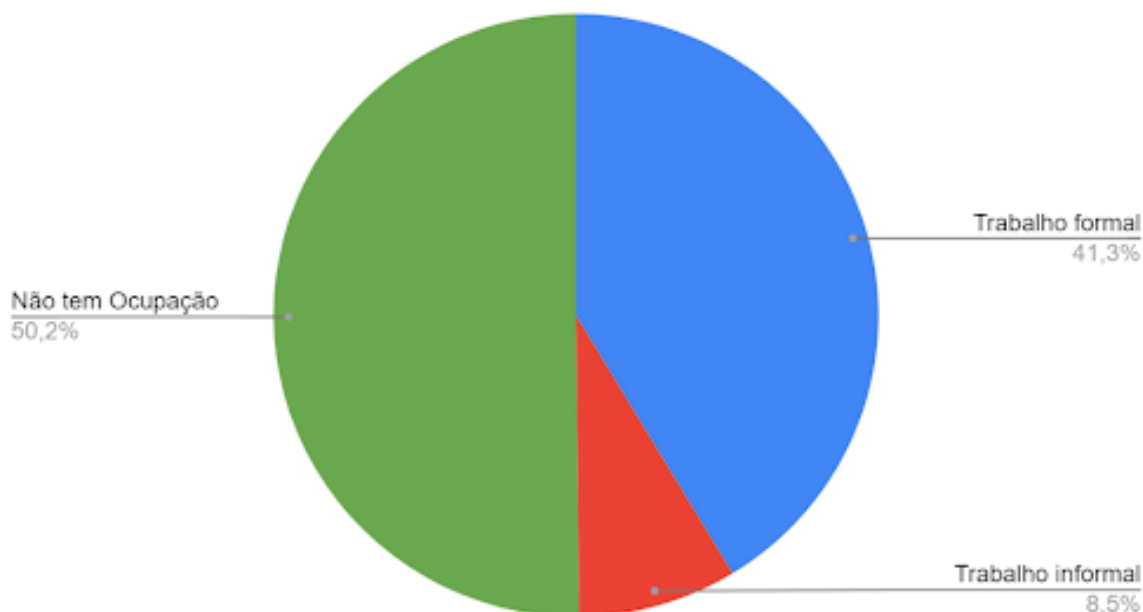
São Mateus: Situação de Ocupação e Emprego

Já em São Mateus, os jovens de 15 a 17 anos apresentam um cenário semelhante: 93,1% estão fora do mercado de trabalho, 2,4% possuem empregos formais (179 jovens) e 4,5% estão em trabalhos informais (332 jovens). A faixa etária de 18 a 24 anos é a mais representativa no mercado formal, com 41,3% dos jovens empregados (7.817), enquanto 8,5% (1.606) trabalham na informalidade e 50,2% não possuem ocupação. Por sua vez, os jovens de 25 a 29 anos apresentam o maior índice de emprego formal, com 48,6% (7.125 jovens), seguidos por 7,8% (1.142) na informalidade e 43,6% fora do mercado de trabalho.

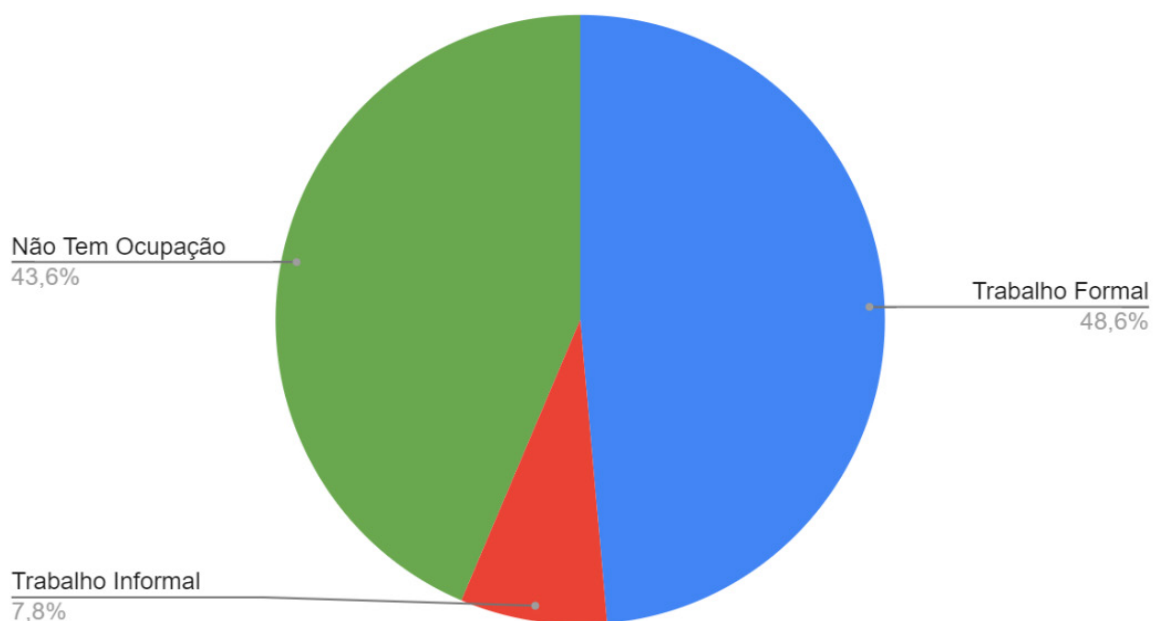
Jovens de 15 a 17 anos e Trabalho



Jovens de 18 a 24 anos e Trabalho



Jovens de 25 a 29 anos e Trabalho



Comparação entre os distritos

Comparando Brasilândia e São Mateus, observa-se que ambos compartilham desafios relacionados à informalidade e ao acesso desigual ao mercado de trabalho. No entanto, Brasilândia apresenta maior número absoluto de jovens empregados formalmente na faixa de 18 a 24 anos, enquanto São Mateus alcança sua maior proporção de formalização na faixa de 25 a 29 anos. Esses dados sugerem que a dinâmica de entrada no mercado de trabalho varia entre os distritos, possivelmente influenciada por fatores locais, como oferta de empregos e níveis de qualificação.

A análise conjunta dos dados de Brasilândia e São Mateus evidencia a necessidade urgente de políticas públicas voltadas para a formalização do mercado de trabalho juvenil e a promoção de oportunidades de qualificação profissional. Programas de estágio, treinamento técnico e incentivos para a contratação formal de jovens podem transformar essa realidade. Além disso, é essencial considerar as peculiaridades de cada distrito ao planejar intervenções, a fim de mitigar desigualdades estruturais e garantir um futuro mais equitativo para os jovens das periferias paulistanas.

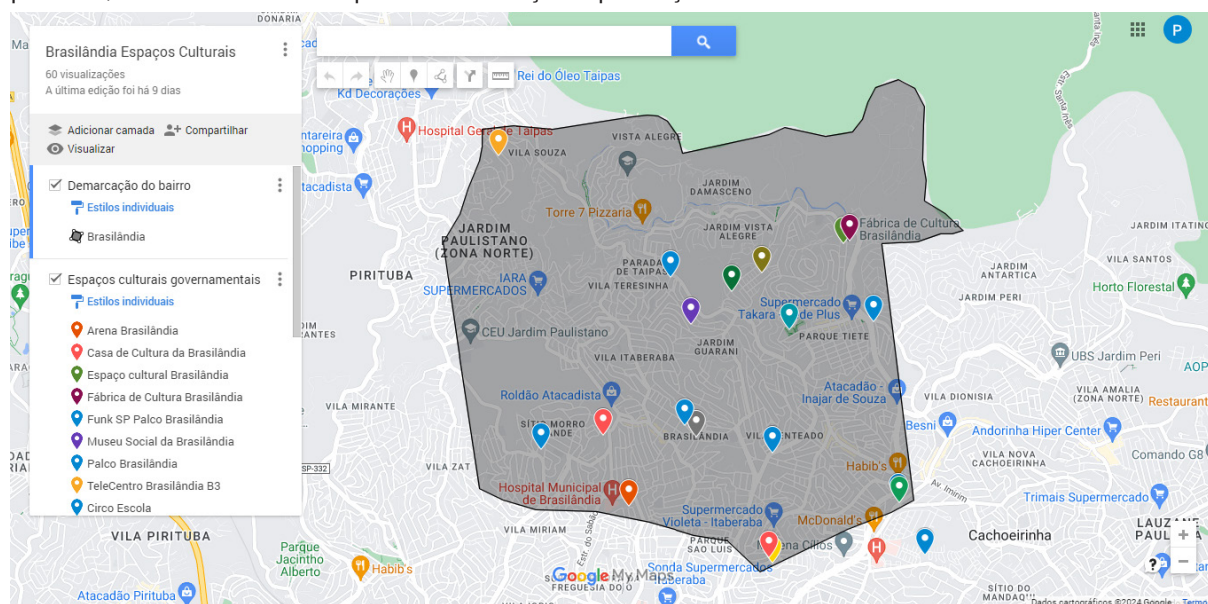
Quais são os espaços de cultura nas regiões da Brasilândia e de São Mateus?

A partir da construção de um mapa por meio do Google My Maps, obtivemos demarcações de vários espaços culturais que estão presentes e atuantes nas regiões da Brasilândia e em São Mateus. Entre esses espaços, destacam-se instituições; centros e pontos de encontro de jovens desses dois distritos, antes de elencar alguns deles, faz-se necessário explicar: O que são espaços culturais comunitários? O que são espaços governamentais? E o que são espaços institucionais?

- Espaços culturais comunitários, como já diz o próprio nome, são espaços que a comunidade do bairro ou do distrito organiza para oferecer e fomentar atividades culturais ligadas às comunidades do distrito.

- Os espaços governamentais são organizados pelo poder público, seja em nível municipal, estadual ou federal, ou seja, cada governo possui uma secretaria que cuida do fomento e da manutenção das atividades culturais ligadas ao território. Neste caso, são as secretarias de cultura que normalmente ficam responsáveis por organizar a gestão cultural do local.

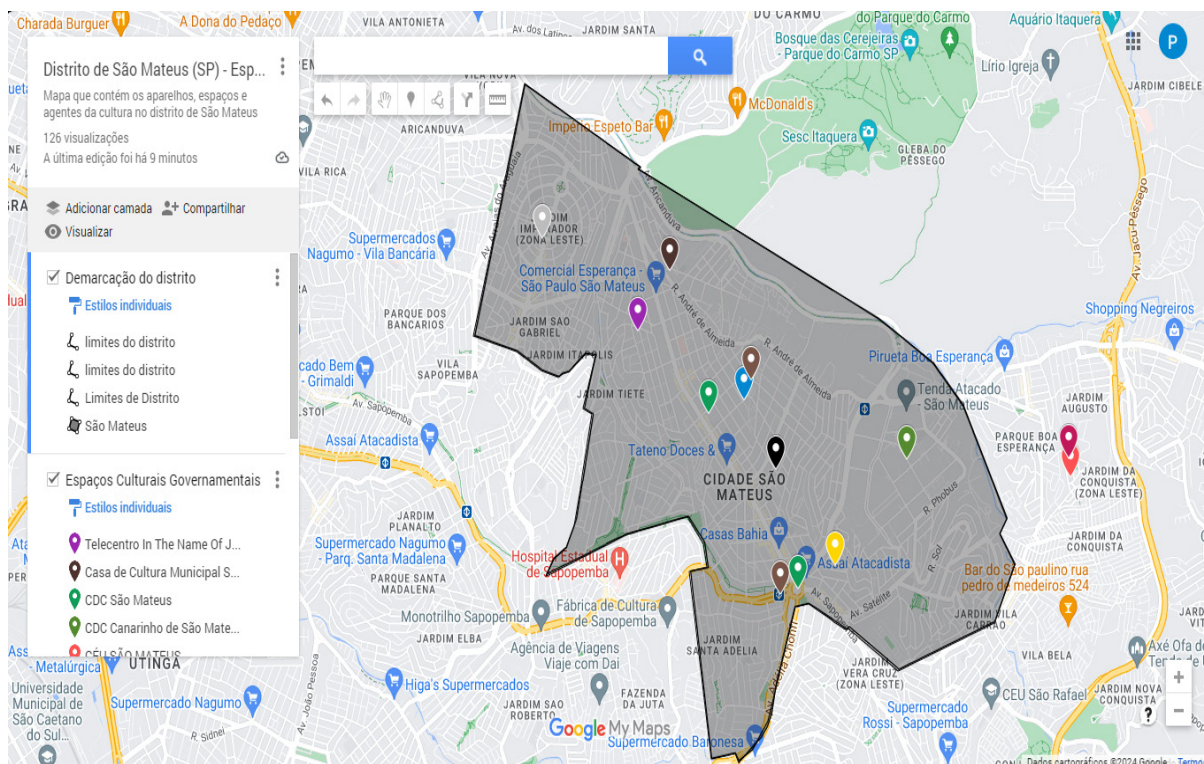
- E espaços institucionais são os mantidos por organizações da sociedade civil, como organizações não governamentais (ONGs), por exemplo. São organizações sem fins lucrativos, pertencem ao terceiro setor de trabalho, são independentes de governos e podem atuar no campo de políticas públicas, assim como no campo da fomentação e produção de cultura.



Mapa do distrito da Brasilândia, confecção da equipe.

Entre estas três categorias de espaços culturais, são 20 espaços encontrados e demarcados no distrito da Brasilândia, destaca-se o Sarau do Kintal que é um espaço comunitário organizado por uma família que acredita na arte e na poesia, e que atividades culturais transformam vidas. O sarau resgata a ancestralidade da família e rememora os laços através versos, rimas e poesias.

Além do Sarau do Kintal, que é um espaço comunitário no território, existem espaços governamentais como a Fábrica de Cultura da Brasilândia, que é uma instituição que oferece atividades culturais, oficinas, eventos e espetáculos, facilitando o acesso à cultura e estimulando a expressão artística da comunidade. Assim como o Centro Cultural da Juventude e a Casa de Cultura da Brasilândia, que também são espaços governamentais administrados pelo governo do Estado, pela Prefeitura e Subprefeitura da Brasilândia da cidade de São Paulo, a fim de promover a cultura local.



Mapa do distrito de São Mateus, confecção da equipe.

Já no distrito de São Mateus, encontramos 13 espaços culturais, destaca-se entre eles o Favela Galeria, um espaço comunitário artístico cultural organizado pelo grupo OPNI, um conjunto de grafiteiros e grafiteiras de São Mateus. O bairro da Vila Flávia possui um dos maiores acervos de grafites do Brasil, um “museu a céu aberto” de grafites espalhados por todos os lados da comunidade. Além do Favela Galeria, temos o espaço institucional São Mateus em Movimento, um ponto de cultura periférica organizado por agentes e coletivos culturais do bairro, que leva música, artes, aulas de idiomas, aulas de capoeira, e muito mais para a comunidade. Temos também a Casa de Cultura São Mateus, um espaço governamental da Prefeitura de São Paulo e da Subprefeitura de São Mateus, que visa promover a integração entre os artistas populares de todas as linguagens e expressões possíveis.

Além do expressivo e recente Slam de São Mateus, inspirado no Slam da Vila Guilhermina, o Slam São Mateus ocorre todo último sábado do mês, ao lado direito da saída estação São Mateus do monotrilho. A roda de slam é organizada por jovens do território para declamação de poesias das mais variadas formas, tipos, estilos e temáticas, tratando das vivências e resistências dos jovens que frequentam e habitam São Mateus.

Há outros pontos além desses mencionados na Brasilândia e em São Mateus que merecem destaque por suas produções e contribuições para a cultura.



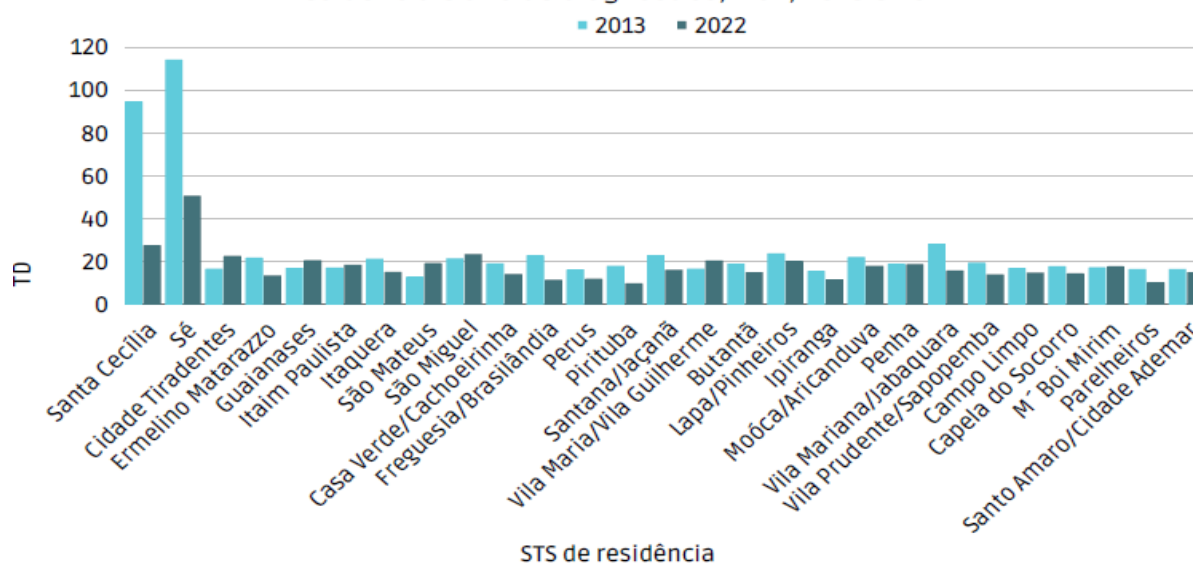
Juventude e ISTs

Texto retirado do relatório de pesquisa

Os dados epidemiológicos mais recentes revelam como os distritos de Brasilândia e São Mateus enfrentam desafios significativos no combate a Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), especialmente no que diz respeito ao HIV e à sífilis. As taxas de detecção de HIV permanecem altas entre os jovens de 15 a 29 anos. Em Brasilândia, a maior parte dos casos está concentrada entre homens de 20 a 29 anos, enquanto em São Mateus há uma leve predominância entre mulheres de 15 a 24 anos. Além disso, as desigualdades étnico-raciais são marcantes: pessoas pretas e pardas apresentam taxas de detecção significativamente superiores às de brancos, refletindo as barreiras sociais e estruturais enfrentadas por essas populações.

A sífilis, tanto adquirida sexualmente quanto transmitida gestacionalmente, também segue como um problema crítico. Em Brasilândia, houve um aumento expressivo nos casos entre mulheres de 20 a 34 anos, enquanto São Mateus apresenta maior número de gestantes sem diagnóstico precoce, indicando lacunas no pré-natal. Essas dificuldades são agravadas pela falta de acesso a cuidados adequados e por condições socioeconômicas que limitam a prevenção e o tratamento. A mortalidade relacionada às ISTs é outro ponto alarmante, com ambas regiões apresentando taxas elevadas, destacando a urgência de intervenções que melhorem o acompanhamento e tratamento destas infecções.

Gráfico 10. Taxa de Detecção (TD)* de HIV por Supervisão Técnica de Saúde (STS) de residência e ano de diagnóstico, MSP, 2013 e 2022

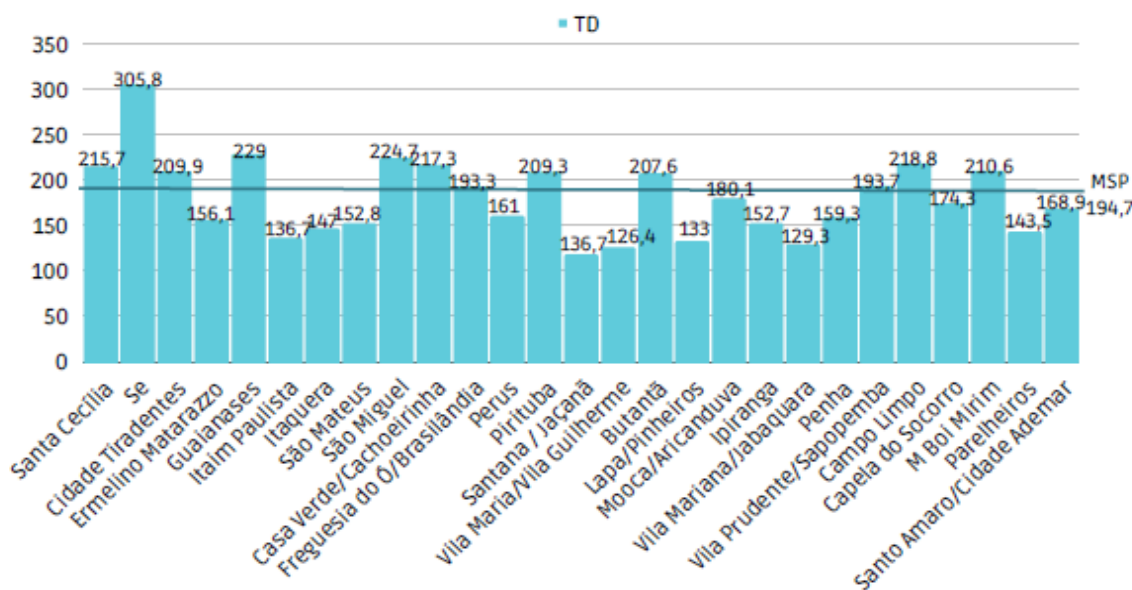


*TD por 100.000 habitantes

Fonte: SINAN - DVE/COVISA, Coordenadoria de IST/AIDS, Fundação SEADE.

Este gráfico destaca a evolução das taxas de detecção de HIV em diferentes regiões da cidade entre 2013 e 2022. Nos dois anos em foco as STS de Brasilândia e São Mateus estão entre as mais impactadas, com taxas de detecção superiores à média municipal. O aumento de casos nas duas áreas reflete tanto a expansão da testagem quanto a persistência de fatores que aumentam a vulnerabilidade da população jovem nesses territórios.

Gráfico 31. Taxa de detecção (TD) de sífilis adquirida, por 100 mil habitantes, segundo supervisão técnica de saúde (STS) no ano de 2022, MSP, 2022*



Fonte: SINAN/ Núcleo de Vigilância de Sífilis/DVE/COVISA e Fundação SEADE-SP
*Dados preliminares até 01/07/2023, sujeitos a revisão.

Brasilândia e São Mateus se destacam entre as STS com maiores taxas de sífilis adquirida em 2022. Esses números apontam a necessidade de campanhas preventivas mais eficazes e para a ampliação do acesso ao diagnóstico e tratamento, especialmente em populações de baixa renda.

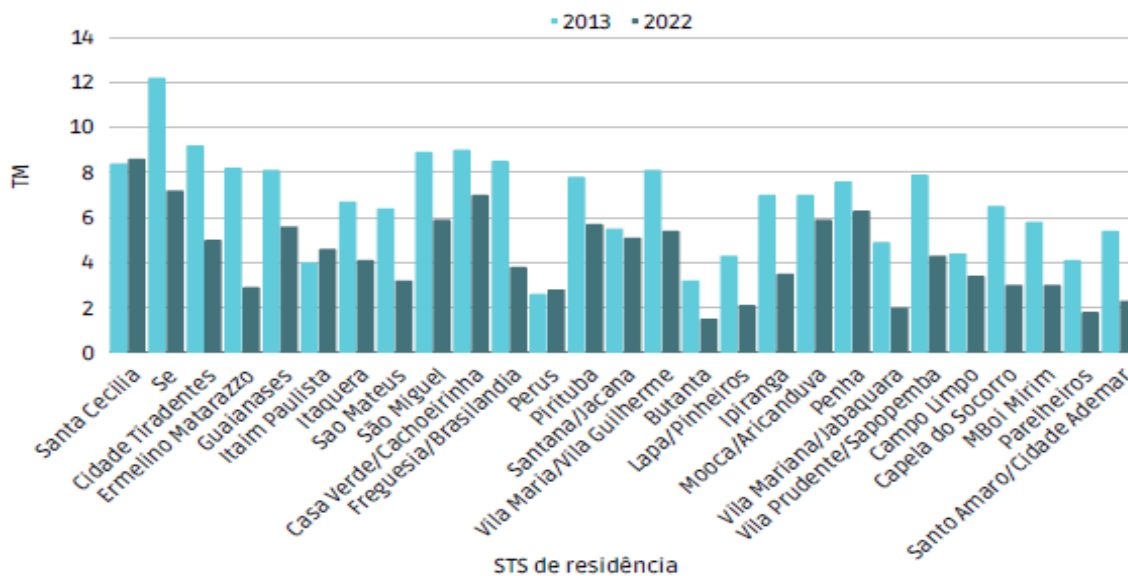
Tabela 35. Número de casos de sífilis em gestante e distribuição proporcional por Coordenadoria Regional de Saúde (CRS) e Supervisão Técnica de Saúde (STS) segundo ano de diagnóstico (N 47.900). São Paulo, 2012 a 2022*

CRS/STS	2012		2013		2014		2015		2016		2017		2018		2019		2020		2021		2022		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
CRS Centro	85	4.8	78	3.4	104	3.8	93	3.3	77	2.2	81	1.9	100	2.0	98	1.8	113	1.8	84	1.4	124	1.6	1037	2.2
Santa Cecília	38	2.1	29	1.3	30	1.1	35	1.2	33	0.9	39	0.9	40	0.8	39	0.7	51	0.8	28	0.5	33	0.4	395	0.8
Sé	47	2.6	49	2.1	74	2.7	58	2.0	44	1.2	42	1.0	60	1.2	59	1.1	62	1.0	56	0.9	91	1.2	642	1.3
CRS Leste	413	23.2	610	26.3	723	26.7	901	31.6	1047	29.5	1206	28.2	1391	27.9	1333	24.8	1517	24.4	1583	25.5	2358	30.9	13082	27.3
Cidade Tiradentes	48	2.7	68	2.9	96	3.5	111	3.9	116	3.3	171	4.0	174	3.5	200	3.7	198	3.2	271	4.4	297	3.9	1750	3.7
Ermelino Matarazzo	40	2.2	47	2.0	58	2.1	53	1.9	79	2.2	104	2.4	116	2.3	85	1.6	93	1.5	103	1.7	153	2.0	931	1.9
Guaianases	64	3.6	106	4.6	101	3.7	112	3.9	150	4.2	175	4.1	192	3.8	200	3.7	215	3.5	205	3.3	379	5.0	1899	4.0
Itaim Paulista	79	4.4	133	5.7	154	5.7	197	6.9	180	5.1	187	4.4	235	4.7	197	3.7	209	3.4	265	4.3	412	5.4	2248	4.7
Itaquera	63	3.5	92	4.0	97	3.6	171	6.0	166	4.7	193	4.5	213	4.3	193	3.6	249	4.0	267	4.3	388	5.1	2092	4.4
São Mateus	45	2.5	50	2.2	93	3.4	147	5.2	208	5.9	223	5.2	242	4.8	200	3.7	255	4.1	180	2.9	310	4.1	1953	4.1
São Miguel	74	4.2	114	4.9	124	4.6	110	3.9	148	4.2	153	3.6	219	4.4	258	4.8	298	4.8	292	4.7	419	5.5	2209	4.6
CRS Norte	437	24.5	560	24.2	586	21.6	621	21.8	759	21.4	949	22.2	1168	23.4	1319	24.6	1530	24.6	1469	23.6	1641	21.5	11039	23.0
Casa Verde/Cachoeirinha	68	3.8	110	4.7	100	3.7	82	2.9	122	3.4	116	2.7	214	4.3	211	3.9	222	3.6	213	3.4	251	3.3	1709	3.6
Freguesia do Brasilândia	92	5.2	94	4.1	126	4.7	154	5.4	208	5.9	267	6.2	305	6.1	326	6.1	392	6.3	415	6.7	445	5.8	2824	5.9
Perus	28	1.6	41	1.8	28	1.0	51	1.8	63	1.8	80	1.9	82	1.6	89	1.7	110	1.8	82	1.3	115	1.5	769	1.6
Pirituba	62	3.5	87	3.8	113	4.2	105	3.7	118	3.3	168	3.9	216	4.3	256	4.8	321	5.2	312	5.0	328	4.3	2086	4.4
Santana/Jaçanã	119	6.7	140	6.0	132	4.9	151	5.3	179	5.0	233	5.4	245	4.9	295	5.5	310	5.0	308	5.0	278	3.6	2390	5.0
Vila Maria/Vila Guilherme	68	3.8	88	3.8	87	3.2	78	2.7	69	1.9	85	2.0	106	2.1	142	2.6	175	2.8	139	2.2	224	2.9	1261	2.6

Os dados indicam que, apesar de avanços em campanhas de testagem e tratamento, desafios estruturais persistem. A combinação de desigualdades raciais, falta de acesso a serviços de saúde de qualidade e lacunas no pré-natal são fatores que contribuem para os altos índices de ISTs em ambos distritos. Soluções locais e específicas para essas realidades são essenciais para reduzir os impactos das ISTs nas comunidades de Brasilândia e São Mateus.

As taxas de mortalidade nas STS de Brasilândia e São Mateus continuam elevadas, refletindo desafios no tratamento e na gestão de casos. Esses dados destacam a necessidade de maior atenção no acompanhamento pós-diagnóstico, garantindo que os pacientes tenham acesso aos serviços de saúde necessários para prevenir desfechos fatais.

Gráfico 24. Taxa de Mortalidade (TM)* segundo Supervisão Técnica de Saúde (STS) de residência por ano de óbito. MSP, 2013 e 2022



*TM a cada 100.000 habitantes

Fonte: SINAN - DVE/COVISA, Coordenadoria de IST/Aids, Fundação SEADE

Fotos da pesquisa



